

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



**OS BAILES DA COLÔNIA: MEMÓRIA, SOCIABILIDADE E PATRIMÔNIO  
CULTURAL DA ZONA RURAL COLONIAL DE PELOTAS (RS)**

Luísa Lacerda Maciel

Pelotas, 2013

Luísa Lacerda Maciel

**OS BAILES DA COLÔNIA: MEMÓRIA, SOCIABILIDADE E PATRIMÔNIO  
CULTURAL DA ZONA RURAL COLONIAL DE PELOTAS (RS)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.**

**Orientador: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira**

**Pelotas, 2013**

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Dr. Ana Klein

Prof. Dra. Carla Gastaud

## BAILE

*Equilibrando-nos no salto alto,  
Chegávamos cedo ao salão.  
Com os músicos ainda a se instalarem,  
Afinando seus instrumentos,  
E a dona do salão  
A espalhar talco no assoalho,  
Facilitando o deslizar da dança.*

*Íamos nos reunindo às outras jovens,  
Todas de um lado só,  
Oposto ao dos rapazes.  
Pares iam se formando pelos olhares,  
Tão logo eclodia a banda,  
Vinham os certos convites pra dançar,  
Pois não se podia dar "carão".*

*Todavia se o jovem  
Não era o nosso escolhido,  
Agradecíamos tão logo terminasse  
A primeira música,  
Aguardando aquele pretendido,  
O que, às vezes, não acontecia.  
Caso viesse, era a glória!*

*Poderia se ficar de par,  
O que significava ficar  
Frente a frente  
Entre uma música e outra.  
Era melhor cruzar os braços?  
Era melhor deixar os braços estendidos...?*

*Mal se tinha assunto  
E, se o salão não estivesse cheio,  
Ainda havia que enfrentar  
O olhar dos que assistiam.  
Ficar de mãos dadas, nem pensar:  
Só se já fosse namorado.  
Por sorte, começava outra música...*

*Era vedada muita aproximação,  
Sob pena de uma advertência  
Do proprietário, supervisor dos namoros.  
À meia noite, descia uma bonequinha  
Do teto, no meio da sala:  
Era o "Traval",  
Composto de três músicas,  
Em que as jovens convidavam os jovens.*

*Em que as jovens convidavam os jovens*

*Após valsas, shots, rancheiras  
E marchinhas de carnaval,  
Pausa para os músicos,  
Quando os rapazes aproveitavam  
Para tomar ar na rua,  
Aplacando o suor, e as senhoritas  
Indo até o quarto das moças.*

*Lá tinha espelho disputado  
Em filas para retoques,  
Camas para as crianças  
Que lá dormiam*

*Retornavam freneticamente os músicos,  
E voltávamos todos refeitos,  
Dispostos para mais e mais danças.*

*Ao iniciar a madrugada,  
Eram servidos cafés com cucas,  
Pães, galinha assada e broinhas.  
Se aceitasse o convite do moço  
Para a mesa do café, era sinal  
De prenúncio de namoro  
Ou compromisso de par certo  
Para o próximo baile.*

*Clesis Crochemore – Era uma vez lá fora*

\* Expressão para caracterizar o momento do baile em que os rapazes eram convidados a dançar.  
[nota da autora]

## RESUMO

O presente trabalho se propõe identificar e analisar, sob a ótica do patrimônio cultural, os salões de baile da colônia de imigrantes em Pelotas, zona rural da cidade. Para esse fim, foram associadas diferentes metodologias, como o recolhimento de depoimentos de História oral (produzidos pela autora e vinculadas a bancos de dados de memória oral), entrevistas e observações feitas pela autora no local, durante atividades de campo, o registro da cultura material imóvel (os prédios e espaços remanescentes dos salões de baile), fotografias (fotos documentais antigas e fotos atuais de registro de pesquisa), documentação escrita (sobretudo periódicos) e dados cartográficos. Os acervos do Banco de Imagem e Som do Museu Etnográfico da Colônia Maciel disponibilizaram um grande volume de dados para a pesquisa. Paralelamente, foram consultados autores que se dedicaram ao estudo da região da colônia de Pelotas, além de estudos sobre práticas de sociabilidade e lazer, bem como os fenômenos das festas, como categorias interpretativas e como material empírico relativo à experiência histórica das colônias de regiões de imigração do Sul do Brasil. A ressonância desse patrimônio cultural – os bailes da colônia – é verificada através da(s) memória(s) presentes nas narrativas em torno dos eventos nos salões de baile. Busca-se, portanto, recompor o cenário em que se deram essas festividades, bem como a identificação de elementos constitutivos da memória social dos agentes sociais. Traça-se um panorama histórico e geográfico dos bailes, aprofundando-se a análise em dois casos em especial: o salão do senhor Otávio Beskow, localizado na Cascata (5º distrito), e o salão do senhor João Casarin, localizado na Vila Maciel (7º distrito). Os bailes irão revelar uma gama de relações, negociações, inclusões/exclusões, que apresentam, enfim, as representações sociais dessas comunidades. Estuda-se, em particular, a representação de relações de gênero e de relações inter-étnicas.

## ABSTRACT

This study aims to identify and analyze, from the perspective of cultural heritage, the ballrooms of the colony of immigrants in Pelotas. For this purpose, were associated different methodologies, like gathering testimonials from Oral History (produced by the author and linked to databases of oral memory), interviews, and observations made by the author at the site during field activities, registration of material heritage (buildings and spaces reminiscent of ballrooms), photographs (documentary photos old and current photos of search record), written documentation (especially newspapers) and cartographic data. The holdings of the Bank of Image and Sound from the Ethnographic Museum of Colony Maciel made available a large amount of data for research. Alongside were consulted authors who have studied the region of the colony of Pelotas, besides studies on practices of sociability and pleasure, as well as the phenomena of the parties, as interpretive categories and as empirical material on the historical experience of the colonies of regions immigration from southern Brazil. The resonance of this cultural heritage - the dances of the colony - is checked through memory present in the narratives around events in the ballroom. Search, therefore, restore the scenario that gave these festivities as well as the identification of elements of the social memory of social agents. Moth is a historical and geographical of the dances, deepening the analysis in two cases in particular: the hall of Mr. Octavio Beskow, located in Cascade (5th district), and the hall of Mr. João Casarin, located in Vila Maciel (7th district). The dances will reveal a range of relationships, negotiations, inclusions / exclusions, which have, in short, the social representations of these communities. We study, in particular, the representation of gender relations and inter-ethnic relations.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Esquema do processo de ocupação da Colônia de Pelotas</b>	<b>21</b>
<b>Figura 1 - Mapa do Rio Grande do Sul que apresenta as duas metades geográficas.</b>	<b>42</b>
<b>Figura 2 - Brinquedo de madeira produzido artesanalmente na Colônia Maciel</b>	<b>45</b>
<b>Figura 3 - Quadro comemorativo Grêmio Sportivo Boa Esperança</b>	<b>46</b>
<b>Figura 4 - Fotografia do time de futebol “Progresso” da Colônia Santo Antônio</b>	<b>49</b>
<b>Figura 5 - Imagem de abertura do blog da Associação Colonial Esportiva</b>	<b>51</b>
<b>Figura 6 - Casa Comercial Gruppelli, Colônia Municipal, 7º Distrito</b>	<b>53</b>
<b>Figura 7 - Fotografia da festa de coroação da Rainha da Colônia, Diva Bauer (1960)</b>	<b>56</b>
<b>Figura 8 - Mapa divisão distrital Pelotas (RS)</b>	<b>57</b>
<b>Figura 9 - Vista prédio antiga fábrica e a casa (ao lado, na cor azul) de João Casarin (7º distrito, Rincão da Cruz)</b>	<b>60</b>
<b>Figura 10 - Salão dos Mayer (atual propriedade de Delcira Tessmer) – Colônia São Manoel (8º distrito – Rincão da Cruz)</b>	<b>61</b>
<b>Figura 11 - Fachada Restaurante e Armazém Gruppelli – Colônia Municipal (4º distrito - Triunfo)</b>	<b>62</b>
<b>Figura 12 - Fotografia mostra vista interna do salão Gruppelli (1966)</b>	<b>63</b>
<b>Figura 13 - Prédio do antigo salão Alfredo Kohls - Colônia Municipal (7º distrito – Quilombo)</b>	<b>64</b>
<b>Figura 14 - Fotografia da Coroação Maria Ivone Ribes no salão Bachini, na comemoração dos 50 anos da Sociedade Bailante União Camponesa</b>	<b>65</b>

<b>Figura 15 - Prédio da antigo Salão Brasil (5º distrito - Cascata)</b>	<b>66</b>
<b>Figura 16 - Salão Antério Krause (Cascatense)</b>	<b>67</b>
<b>Figura 17 - Detalhe pintura interior Salão Brasil</b>	<b>69</b>
<b>Figura 18 - Desfile das representantes distritais para a escolha da Rainha da Colônia (no interior do salão Brasil) em 1965</b>	<b>70</b>
<b>Figura 19 - Festa de coroação da Rainha da Colônia (realizada em frente ao salão Brasil) em 1965</b>	<b>70</b>
<b>Figura 20 - Governador do Rio Grande do Sul e prefeito de Pelotas em solenidade na Festa do Colono (1965)</b>	<b>72</b>
<b>Figura 21 - João Casarin em frente ao prédio da antiga fábrica (década de 1960)</b>	<b>74</b>
<b>Figura 22 - Detalhe do prédio salão Cascatense</b>	<b>79</b>
<b>Figura 23 - Preparativos para o baile a fantasia</b>	<b>80</b>
<b>Figura 24 - Convite "Baile da Borboletas" no salão Gruppelli</b>	<b>81</b>
<b>Figura 25 - Grupo de Gaiteras</b>	<b>90</b>
<b>Figura 26 - Fotografia fábrica João Casarin em atividade em 1971</b>	<b>92</b>
<b>Figura 27 - Café e baile, comemoração do dia da padroeira Sant'Anna, na Colônia Maciel. Festa realizada no salão da paróquia</b>	<b>100</b>



## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1- Registro do Patrimônio Imaterial na categoria "Celebrações"</b>	<b>34</b>
<b>Tabela 2 - Relação dos salões de baile, de acordo com sua localidade</b>	<b>60</b>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - Serra dos Tapes: histórico, patrimônio cultural e memória	16
1.1 Histórico da Colônia de Pelotas	16
1.2 Patrimônio imaterial, memória e festa	26
CAPÍTULO 2 – A Colônia de Pelotas: espaço, diversão e sociabilidade	36
2.1 A ruralidade e seus lugares	38
2.2. As práticas de sociabilidade e diversão	42
CAPÍTULO 3 – Os bailes da colônia	56
3.1. Os salões de baile - um passeio pela colônia	56
3.2. Os salões de baile: memórias	69
3.2.1. Salão Brasil (Cascata)	69
3.2.2. Salão do João Casarin (Vila Maciel)	74
CAPÍTULO 4 – Os bailes: patrimônio e memória	78
4.1 A representação da história dos bailes da colônia na memória	79
4.2 Representações sociais através dos relatos dos bailes	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

## INTRODUÇÃO

A motivação inicial para a realização deste trabalho se deu em 2010, durante estágio no Museu Etnográfico da Colônia Maciel, onde o contato com acervo material, iconográfico e os relatos sobre a chegada dos primeiros imigrantes italianos – através da metodologia de história oral – despertaram o interesse por um maior conhecimento da região colonial de Pelotas.

Durante esse trabalho, em que foi desenvolvido um projeto de Educação Patrimonial, iniciado no ano de 2008, junto ao Museu da Maciel, um grande parceiro do museu – senhor João Casarin – cedeu a utilização de um espaço de sua propriedade para a realização das atividades com as crianças que participavam do projeto. Este espaço, que hoje ocasionalmente é usado como salão de festas, foi, entre os anos de 1961 e 1972, uma fábrica de compotas de pêssego. Funcionou, portanto, por um longo período, como fábrica em períodos de safra, no restante do ano sendo usado para festas. Uma vez encerradas as atividades da fábrica, na década de 1970, a mesma passou a ser permanentemente um salão de baile.

Os motivos do fechamento da fábrica do senhor João Casarin se assemelham com os de muitas outras fábricas de caráter artesanal da região colonial de Pelotas: uma crise na indústria rural devido à instalação de grandes indústrias no centro do país. De acordo com Alcir Bach (2009, p. 173),

(...) a pequena indústria estabelecida na colônia, não possuindo capital para investir na renovação de seu parque fabril, já obsoleto e ultrapassado, e tampouco antecipar o pagamento de parte da safra ao produtor, perdia seus fornecedores para as fábricas maiores. Sem condições de competir com elas, em meados de 1970, desmotivada e sem capital, começou a fechar suas portas.

Tendo isto em vista, surgiram os primeiros questionamentos que levaram à presente pesquisa: o que aconteceu com o espaço das outras pequenas fábricas artesanais da zona rural colonial de Pelotas? Suas dependências também funcionaram como salões de baile, como no caso do salão do senhor João Casarin?

A obra utilizada como base para a busca de respostas para essas questões foi a dissertação do professor Alcir Nei Bach, concluída em 2009<sup>1</sup>. Em sua pesquisa, o autor fez um levantamento das antigas fábricas de compotas de pêssego localizadas na região rural de Pelotas, tendo como recorte temporal as décadas de 1950, 1960 e 1970, períodos que “representaram, respectivamente, o crescimento, o apogeu e o declínio das fábricas de compotas da zona rural do município de Pelotas, conforme levantamento efetuado durante a pesquisa e a compilação de dados” (BACH, 2009, p. 14). Tal levantamento constitui-se, para o autor, num inventário, com identificação e localização, e o posterior estudo desse patrimônio industrial.

Este trabalho esclareceu alguns dos questionamentos iniciais, já aqui expostos. Grande parte dos prédios das antigas fábricas artesanais se encontram hoje fechados e abandonados. Seus espaços, portanto, não estão mais sendo utilizados para a realização de bailes. No entanto, comprova-se ali, através dos relatos orais, que “o lazer do trabalhador colonial tinha na sociabilidade o ponto alto. Nos bailes, festas do colono, do pêssego, no futebol, enfim, em todos os eventos, a figura da rainha estava presente” (BACH, 2009, p. 24). Os bailes se destacavam, segundo este autor, como forma de sociabilidade na colônia.

Outros questionamentos passam a surgir a partir dessa última afirmativa: Onde se localizavam esses salões? Existia relação destes com o trabalho fabril? Na busca por esclarecimentos, procuraram-se obras de referência que tivessem a colônia de Pelotas como tema – procurando, nessas, referências sobre os bailes – bem como de outras fontes, como o acervo fotográfico e de depoimentos orais do Museu da Maciel – parte integrante do projeto “Recuperação e Preservação da Memória Histórica da Comunidade Italiana Pelotense”, o qual, através de um convênio de integração e cooperação celebrado entre a Universidade Federal de Pelotas e a Sociedade Italiana Pelotense, tinha como objetivo “resgatar a memória histórica da formação e da trajetória da comunidade italiana pelotense, incluindo a colônia rural (atual Vila Maciel) e a comunidade urbana de imigrantes.” (CERQUEIRA et. al. 2010, p. 70)

---

<sup>1</sup> BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural: as fábricas de compotas de pêssego em pelotas – 1950 à 1970**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Além da análise dos referidos depoimentos orais, foram realizadas entrevistas junto aos antigos proprietários de tais salões, bem como de possíveis frequentadores dos mesmos, de forma a suprir as lacunas existentes na bibliografia, no que se refere à sociabilidade em espaços rurais, mais especificamente sobre os bailes.

A realização das entrevistas permitiu o acesso a outro tipo de fonte: a fotografia. Muitas vezes, Nos momentos em que eram narradas as memórias, eram apresentadas fotografias que mostravam o ambiente dos salões, o público frequentador, os desfiles e a coroação das rainhas... A fotografia passou a ser buscada também em outras fontes: autores que tivessem como tema de pesquisa a colônia de Pelotas, informantes que não necessariamente tenham sido entrevistados e até mesmo imagens na internet. Os registros fotográficos realizados por essa pesquisa também são apresentados no intuito de ilustrar esses espaços de sociabilidade, em especial, os prédios dos salões de baile.

As fontes deram o caminho para essa pesquisa: os bailes não poderiam mais ser pensados somente em relação ao período em que se fortaleceu a indústria conserveira na região, como se havia pensado no início desta pesquisa. Essas fontes nos remeteram à períodos mais recuados e mais atuais. A partir do momento em que nos vimos diante de uma prática e sua continuidade, passamos a percebê-los como patrimônio cultural imaterial da região.

Nesse sentido corroboramos Antoinette Errante (2000) quando afirma que,

Narrativas revelam o alinhamento dos narradores com certos indivíduos, grupos, idéias e símbolos através dos quais eles externalizam seus maiores valores, qualidades positivas e de orgulho para si mesmos. Narrativas também revelam as dissociações dos narradores com "outros" indivíduos, grupos, idéias, e símbolos através dos quais eles externalizam as partes menos favoráveis de si mesmos. (p. 142)

Cabe ressaltar aqui que o caráter interdisciplinar do Programa de pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural contribuíram muito para esse trabalho, à medida que aqui transitamos por diversas disciplinas na discussão da memória e do patrimônio. Na área da História, buscamos os elementos que demonstrassem o histórico de ocupação da Serra dos Tapes, região conhecida como Colônia de Pelotas; na geografia, encontramos conceitos que ampliassem

nossa visão de espaço; na antropologia encontramos a definição que procurávamos para o patrimônio cultural imaterial.

Feitas essas considerações, dividimos o trabalho em quatro capítulos. O primeiro capítulo intitulado “Serra dos Tapes: ocupação, patrimônio cultural e memória”, expõe nosso campo de pesquisa, através de um breve histórico de ocupação da Serra dos Tapes, no intuito de demonstrar como este se oferece como *mosaico cultural* (CERQUEIRA et. al., 2010). Nesse sentido, utilizamos como referência obras de autores locais que expunham as características da região que a definem como patrimônio cultural. Em seguida, aprofundamos a conceituação de patrimônio cultural e memória social, para enfim situar os bailes da colônia conforme esses conceitos.

No capítulo seguinte, no item intitulado “A ruralidade e seus lugares” nos propusemos a realizar uma revisão bibliográfica no campo da imigração do Rio Grande do Sul, em obras que tratam (ou abordam) do tema sociabilidade e lazer nas regiões de imigração. Tal revisão acabou por mostrar-nos a importância desses espaços de sociabilidade como referenciais identitários para as diferentes etnias de imigrantes. Feita esta explanação prévia, voltamo-nos ao nosso objeto, no item “Práticas e diversão na colônia de Pelotas” e apresentamos os lugares de lazer e sociabilidade na colônia de Pelotas, conforme estes aparecem descritos e analisados por autores locais, referenciando as especificidades do nosso campo de pesquisa.

Dando sequência, o capítulo três nos traz um panorama geral dos bailes da colônia de Pelotas, apoiado na diversidade de fontes e visões que se revelam no decorrer da pesquisa. Neste trecho do trabalho, os salões de baile serão apresentados, conforme sua localidade, através de um passeio pela colônia, seguindo caminhos que compõem o *Circuito de Museus Étnicos*, proposto pelo MECOM, considerando-se que os salões de baile compõem esse mosaico cultural descrito por Cerqueira et al. (2010, p. 879), quando apresenta a proposta do referido circuito:

O Circuito dos Museus Étnicos tem como meta não somente dar visibilidade às diferentes tradições étnicas, apresentando-as arraigadas em seus territórios, mas sobretudo apresentar a diversidade, interna e externa, destas tradições. Trata-se então de um projeto museológico que visa a valorizar a memória das etnias formadoras do espaço colonial em Pelotas, destacando ao mesmo tempo as particularidades culturais de cada grupo e as relações interétnicas.

Esse passeio irá percorrer proporcionar a visualização dos prédios de antigos salões, bem como a apresentação de algumas memórias acerca dos mesmos. A dinâmica dos bailes será aprofundada no item seguinte, no qual abordamos diferentes aspectos de dois salões, dos quais obtivemos preciosas informações de seus antigos proprietários: o salão do senhor Otávio Beskow, mais conhecido como salão Brasil, localizado no 5º distrito (Cascata) e o salão do senhor João Casarin, localizado no 8º distrito (Rincão da Cruz). Esses proprietários irão contar sobre o tempo que ficaram em atividade, o trabalho que se tinha na organização de um baile, os acordos entre os proprietários de salão pelo revezamento das datas, suas impressões sobre os salões de antigamente e os salões de hoje, entre outras características.

Finalmente, no último capítulo iremos explorar com mais profundidade, as diferentes narrativas às quais tivemos acesso, à respeito dos bailes. A análise dessas narrativas, combinadas aos registros fotográficos e aos registros históricos, nos permitiu a realização de uma “cronologia dos bailes”, onde apontamos as mudanças e permanências que envolvem os diversos aspectos do baile na colônia, a exemplo de Errante (2000), que assim discorre sobre sua pesquisa,

As histórias orais podiam contribuir com essa dimensão acrescentando a história como experiência vivida. Ao fazê-lo, e porque as histórias orais representam as experiências de grupos cujas vozes foram sub-representadas nas histórias "oficiais", elas alargavam o alcance dos relatos das experiências coletivas documentadas e reconhecidas para o registro histórico (p. 146-147).

O trabalho é finalizado de forma a demonstrar, através de tipologias, o que os relatos revelavam sobre os aspectos mais intrínsecos daquela sociedade. Nesse momento do trabalho, iremos além dos relatos funcionais à respeito dos bailes, mas das dinâmicas que os envolvem. Para tal, dividimos em duas tipologias: as relações de gênero masculino-femininas e as relações inter-étnicas. É nesse momento que nos propusemos a ouvir a ressonância do que consideramos patrimônio. Buscamos ir ao encontro do que sugere José Reginaldo Gonçalves (2005), acerca dos discursos sobre o patrimônio: “esses discursos são expostos ao reconhecimento da natureza necessariamente ambígua e precária dos objetos que simultaneamente representam e constituem” (p. 32). As memórias (e os esquecimentos) irão revelar as representações que se fazem do passado.

## **CAPÍTULO 1 - Serra dos Tapes: ocupação, patrimônio cultural e memória**

Para a compreensão da organização desse espaço rural, que é a colônia de Pelotas, no seu âmbito cultural, é necessário observar a contextualização histórica da ocupação da Serra dos Tapes, considerando-se uma visão dialógica da produção econômica e a cultural. Este capítulo busca trazer informações que deem a dimensão de como essa região se constitui como “mosaico cultural” e como se apresenta como referência de patrimônio cultural, tendo como base estudos recentes que elegem o patrimônio com um dos enfoques.

### **1.1 HISTÓRICO DA COLÔNIA**

A atividade pecuária foi a característica principal na formação econômica do Rio Grande do Sul. Com o advento do charque, constituiu-se, no Estado, uma camada senhorial enriquecida, composta pelos senhores de terra e charqueadores que praticavam a pecuária e exploravam a mão-de-obra escrava (PESAVENTO, 1985; FETTER, 2002).

Como atividade econômica subsidiária da economia central de exportação, a pecuária gaúcha irá entrar em crise quando da decadência do regime de escravidão. A Lei Eusébio de Queirós, de 1850, que declarou extinto o tráfico negreiro, impulsionou o deslocamento da mão-de-obra escrava excedente para a zona do café, dada a impossibilidade de obtenção de novos cativos da África. Paralelo a isso, o saladeiro platino irá apresentar uma série de inovações em seus estabelecimentos, configurando-se como uma empresa capitalista de mão-de-obra assalariada, cada vez mais especializada, intensificando um melhor aproveitamento do boi. Esse incremento na produção platina faz diminuir seu preço, e a economia sulina, subordinada ao interesse do centro, não consegue se impor, perdendo a concorrência com o charque platino (PESAVENTO, 1985).

A questão da imigração europeia para o Brasil no século XIX está ligada a esse processo de transformação do regime de trabalho na sociedade brasileira: a decadência do regime de escravidão é a condição para a expansão do fluxo



imigratório. De acordo com Marcelo Panis (2009), a região sul do estado do Rio Grande do Sul, por ser de ocupação mais antiga, possuía uma sociedade com poder já estabelecido. No caso de Pelotas, eram os pecuaristas e os charqueadores, que possuíam grandes extensões de terra, as denominadas *datas*, as quais foram povoadas com imigrantes. Esse é o motivo pelo qual o governo geral investiu mais nas colônias do norte e do centro do estado, em detrimento das colônias do sul, que acabaram sendo colonizadas por iniciativas de particulares, em sua maioria.

Pelotas, graças ao interesse pela produção pecuária, foi dividida territorialmente, com a distribuição de estâncias, localizadas nas áreas mais planas, próximas à Laguna dos Patos (FETTER, 2002, p. 221). A zona serrana, onde se localiza a colônia de Pelotas, não despertava interesse, embora tenha sido partilhada entre diversos proprietários.

De acordo com Marinês Grando (1990):

O território do Município de Pelotas compreende duas regiões nitidamente distintas: a região sudeste, completamente plana, e a região noroeste, alta e montanhosa. A região baixa e plana predomina e é formada por extensas campinas ao longo da Lagoa dos Patos e do curso do canal de São Gonçalo, para onde convergem todas as águas do Município. A vegetação própria para a criação de gado caracteriza essa zona de grandes propriedades, isto é, de estâncias. À medida que avança para o norte, o terreno torna-se ondulado e vai elevando-se: é a Serra de Tapes (parte do sistema formado pela Serra do Sudeste), que toma várias denominações locais, e cuja altitude máxima é inferior a 400 metros. Ali, numa área total de aproximadamente 43.000ha, se localizam as pequenas propriedades. Essa constituição física do Município de Pelotas facilitou a formação, lado a lado, de duas sociedades rurais de origens étnicas diferentes. (GRANDO, p. 16-17)

Considerando-se o território do município de Pelotas, no período de apogeu do movimento de criação de colônias rurais de imigrantes – segunda metade do século XIX –, a Serra dos Tapes incluía em sua faixa territorial as áreas elevadas dos atuais municípios de Pelotas, Morro Redondo, Capão do Leão, Arroio do Padre, Turuçu e São Lourenço. (CERQUEIRA et. al., 2010, p.876)

Anjos (2000) descreve que as classes dominantes em Pelotas – charqueadores que exploraram as terras das planícies – passam a se interessar

pela região serrana da cidade, em primeira instância para a exploração de madeira e formação de lavouras, e posteriormente para a formação de colônias de imigrantes.

A vinda dos imigrantes para a região de Pelotas está inserida nesse processo de substituição da mão-de-obra escrava no Brasil – a partir de 1850. Com a queda na produção das charqueadas, “(...) a imigração de agricultores europeus tornou-se uma esperança de renovação econômica para o Sul” (GRANDO, 1990, p. 18). Inicia-se, com isso, um movimento de especulação fundiária por parte dos estancieiros e charqueadores, que se apossavam de terras de mato contíguas as suas propriedades para transformá-las em colônias, que deveriam ser vendidas aos imigrantes. O campesinato foi introduzido, portanto, na região montanhosa do município de Pelotas, enquanto que as terras planas permaneciam sob a posse desses estancieiros e charqueadores.

O trabalho de Luciana Peixoto (2003, p. 11) diz que

(...) a colonização da região da Serra dos Tapes se deu através de dois processos distintos: a imigração espontânea que transcorreu ao longo de algumas décadas e a imigração organizada (por particulares ou pelo governo). Nos dois casos temos a participação de agentes que recrutavam imigrantes a serviço das sociedades promotoras da imigração, e também do governo.

As primeiras tentativas de colonização em Pelotas não foram bem sucedidas. Exemplo disso é a Colônia São Francisco de Paula, autorizada pelo governo provincial em 1848, mas cuja experiência foi malograda, portanto excluída do catálogo das colônias provinciais. Assim como esta, a colônia D. Pedro II e a Colônia monte Bonito também não foram bem sucedidas, já que foram abandonadas. (FETTER, 2002, p. 221). A implantação da colônia de São Lourenço, à época parte do território de Pelotas, iniciada pelo alemão Jacob Rheingantz, impulsionou a multiplicação de iniciativas de implantação de núcleos coloniais na região. A Colônia de São Lourenço é considerada como a origem dos núcleos do Sul.

De acordo com Grandó (1990), entre os anos de 1850 e 1858 surgiram 16 novos núcleos agrícolas. Entre 1881 e 1882, o Governo Geral criou três núcleos,

Acioli, Afonso Pena e Maciel, apenas o último tendo vingado, o qual recebeu os primeiros imigrantes em 1883 ou 1884. Por sua vez, a Câmara Municipal de Pelotas, realizando uma antiga aspiração, criou uma colônia, que chamou Municipal, comprando terras de particulares e repassando-as em lotes, em média, a agricultores brasileiros. A iniciativa privada prevaleceu na criação de núcleos coloniais; os empresários, se não eram proprietários, compravam-nas pra colonizar. Até o ano de 1900, haviam sido criados 61 núcleos coloniais. Dados do relatório de Ullrich (1989) mostram que os empresários cobravam até 800% mais do que o Governo, podendo-se deduzir disso o quão lucrativo podia ser o empreendimento quando feito por particulares. (Grando, 1990, p. 74)

Segundo Cerqueira (2010, p. 874), em 1880 é formada a colônia francesa, a qual teve seu “marco zero” na colônia Santo Antônio, onde hoje existe um obelisco, “(...) instalado na comemoração do cinquentenário da colônia, época de bastante pujança local, dada a força que tinha, na região, a fabricação do vinho. Atualmente, a colônia francesa ocupa destacadamente as localidades da Vila Nova e Bacchini.” (p. 874).

Com o tempo as colônias foram se alastrando pela serra e se organizando de maneira independente. Algumas foram abandonadas, outras se fundiram e formaram núcleos maiores; sendo que as que foram fundadas pelo governo logo foram emancipadas e passaram a se administrar de forma autônoma (Peixoto, 2003).

A base da produção econômica era a chamada agricultura familiar. De acordo com Cíntia Caruso (2008), no âmbito econômico é evidente que a região sul do Rio Grande do Sul é marcada pela presença de um grande número de estabelecimentos agrícolas de caráter familiar. Segundo a autora, desde o início do processo de colonização começam a surgir “(...) moinhos, vinícolas, pequenas fábricas de compotas, doces em pasta e embutidos atrelados às propriedades rurais e que conferiam um caráter diversificado às colônias.” (CARUSO, 2008, p.15).

É no contexto da agricultura familiar que se dão as inter-relações entre os espaços e as diferentes sociabilidades. Com base nos depoimentos de descendentes de imigrantes italianos, Peixoto (2003) ressalta a existência, desde o

início da colonização, de uma inter-relação entre os espaços – as lavouras, os currais e as casas...

Leandro Betemps (2009) afirma que embora a região sul do Rio Grande do Sul não seja reconhecida como zona de imigração e colonização como é vista a região da Serra do Rio Grande do Sul, a imigração mudou o perfil econômico, social e cultural da cidade de Pelotas, que “(...) de terra do charque existente no século XIX deu lugar à terra da fruticultura e do doce no século XX. (BETEMPS, 2010, p. 67).”.

Em relação à Colônia Santo Antônio, também conhecida como Colônia Francesa, Grandó (1990, p. 95) afirma que

(...) a introdução do campesinato em Pelotas, vizinho à pecuária extensiva dos grandes proprietários, correspondeu ao que dele era esperado enquanto inovador do sistema de produção. Nesse sentido, a Colônia Santo Antônio representou um exemplo de implantação bem sucedida do novo sistema de exploração com base nas pequenas propriedades familiares. Os colonos lograram produzir um excedente com o qual se integraram economicamente na região. Formaram um núcleo camponês onde estabeleceram um pequeno comércio local e atividades artesanais variadas. Faziam suas casas, seus móveis e seus instrumentos de trabalho, ainda que fossem relativamente dependentes do mercado para a obtenção de certos meios de vida.

O caso da Colônia Santo Antônio, citado pela autora, se deu também em outras regiões da colônia de Pelotas. Esse excedente de produção foi um dos incentivos para uma produção em maior escala. Deu-se início a uma produção industrial, principalmente de compota, sendo a primeira delas a Quinta Pastorello, erguida por Domingos Pastorello, localizada na “Colônia Francesa” (Santo Antônio), ao lado de sua residência (BACH, 2009).

Grande parte das indústrias de conservas de frutas na zona rural de Pelotas, composta por pequenas fábricas tipicamente artesanais, eram geralmente localizadas junto à residência do proprietário, guardando, muitas delas, as características da casa da família. As instâncias do doméstico e do trabalho confundiam-se. Além disso, Bach (2009) afirma que a fábrica cumpria um papel social muito importante dentro da comunidade, pois, de acordo com relatos orais obtidos para sua pesquisa, pôde constatar que várias serviam de local para

comemorar festas de casamento de familiares, bodas de prata, festas religiosas ou celebração de cultos dominicais.

O que se busca ressaltar aqui é que esse processo de colonização na região não apenas introduziu a agricultura familiar na realidade de Pelotas, como também possibilitou expressiva diversificação na produção primária e agroindustrial. Nesse sentido, é relevante sua contribuição para a formação do município, em seus aspectos sociais, étnicos, culturais, econômicos e políticos. (FETTER, 2002, p. 6).

Como bem observa Panis (2008), esse “espaço colonial pelotense” representa uma “(...) paisagem socialmente produzida, marcada pela cultura, na qual é possível evidenciar a existência de bens materiais e simbólicos que relegam ao lugar traços identitários.”. Mesmo com as modificações feitas com o tempo, os espaços construídos pelos imigrantes constituíram uma variedade de bens materiais que permanecem atualmente. As alterações neste espaço, provocadas pelo tempo, devido a melhores condições financeiras, ou de novos padrões culturais, não afetaram por completo as condições de trabalho e as relações pessoais. Segundo Peixoto (2003), o primeiro modelo de assentamento desses colonos serviu de base para o modelo atual que caracteriza a propriedade rural.

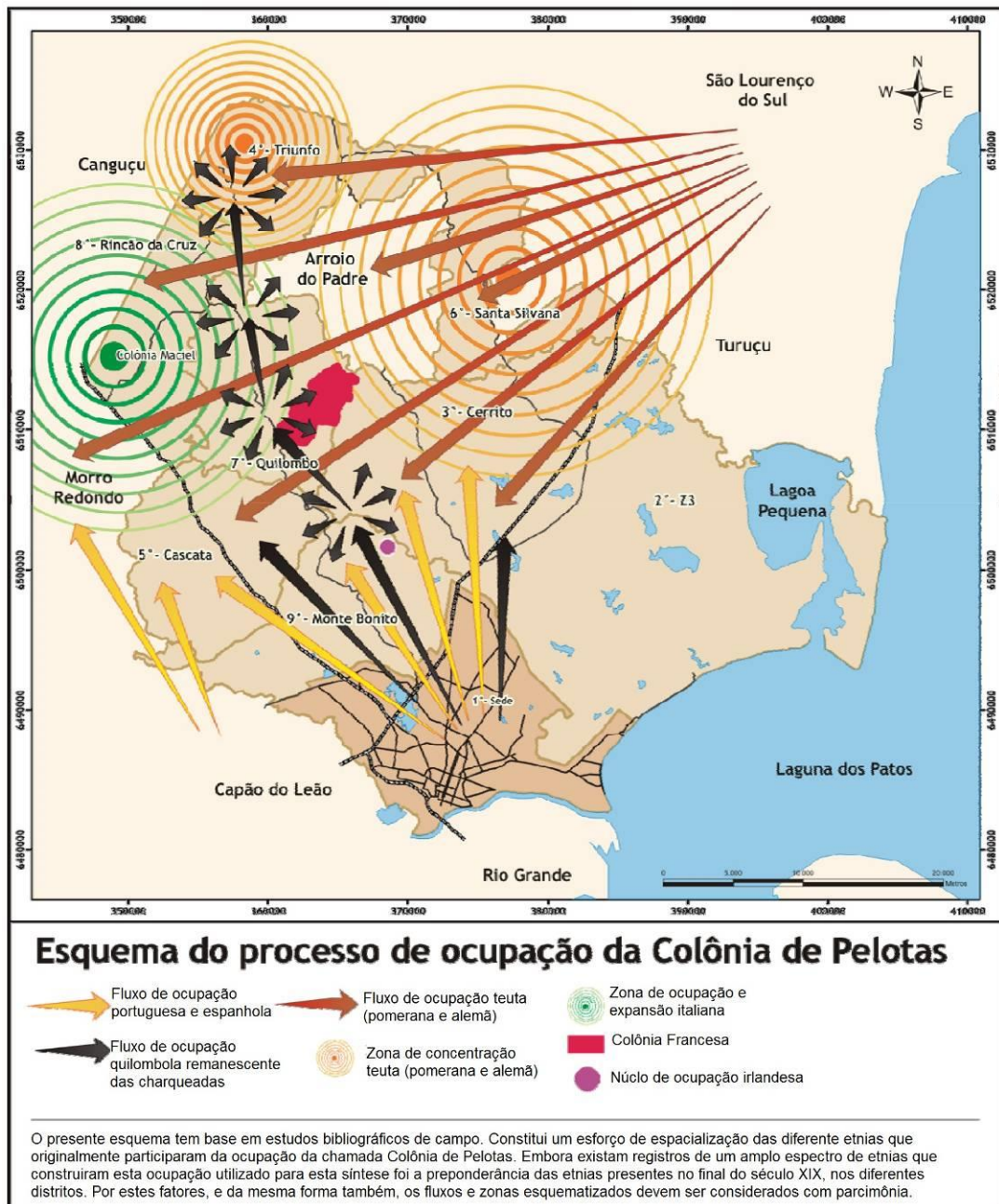
Cerqueira (2010) afirma que, ao realizar uma “geografia étnica” de Pelotas e da Serra dos Tapes, o olhar se volta para a influência de tradições étnicas percebidas nas paisagens culturais,

(...) marcadas por tradições étnicas singulares, que influenciam a relação com o espaço natural e construído, com os objetos, as relações cotidianas entre as pessoas e inúmeros traços culturais, como a gastronomia. Por exemplo, podemos afirmar que o território urbano e das áreas situadas na planície costeira, formado sob a influência predominante do elemento luso-brasileiro, constitui região de influência da tradição doceira de origem portuguesa, denominada de tradição de doces finos; por outro lado, as áreas serranas de influência alemã, pomerana, francesa e italiana estão relacionadas à tradição dos doces coloniais, também conhecidos como doces de fruta, doces de tacho e doces de safra. Contudo, conforme as influências étnicas, estas regiões apresentam especialidades na cultura doceira e fruticultora. Os franceses e italianos tiveram papel decisivo na implantação da tradição dos doces de conserva. Já as passas de frutas, como a passa de pêssego, desenvolveram-se precipuamente na pequena área verde situada entre os municípios de Pelotas e Morro Redondo, nas localidades de Colônia Santo Amor e Açoita Cavallo. Os pomeranos, além de tradição de doces de tacho, como as Schmier e geléias, destacaram-se na produção de biscoitos e cucas. É evidente que o saber fazer associados a estes diferentes produtos da doçaria pelotense implicam expressões singulares no que tange à cultura material, às paisagens, às tradições

étnicas e às memórias. Portanto, nos encontramos em um cenário de diversidade cultural enraizada no patrimônio multiétnico local. (CERQUEIRA et. al., 2010, p. 878)

Nesse contexto, é pertinente a observação de Karen Silva (2009), em relação à diversidade étnica que se expressa também na identificação de inúmeras localidades, denotando uma “base rica e plural” (p. 125), bem como a observância dos nomes herdados, vinculados essa diversidade étnica: “Bachini, Colônia Francesa, Colônia Ritter, Passo do Viana, Quilombo etc..” (p. 125)

Ainda hoje é possível, portanto, mesmo com miscigenação existente, identificar o posicionamento de grupos étnicos no território (Figura 1), conforme aponta Silva (2009), através de suas observações de campo, que dialogam com bibliografia de estudos de caso na colônia de Pelotas.



**Figura 28** - Esquema do processo de ocupação da Colônia de Pelotas. Fonte: Base vetorial PMP/SMU, 2006. Elaborado por Rafael Arnoni/Hectare, 2009. (Retirado de Silva (2009))

A colônia de Pelotas, portanto, se apresenta como um rico campo de estudo de patrimônio, considerando-se a multiplicação de pesquisas e referências que têm surgido nos últimos anos nesse campo (do patrimônio) em relação a essa região. Para dar um exemplo do crescimento pelo interesse em estudar a colônia sob a ótica do patrimônio, no ano de 2010, em ocasião do 4º Seminário Internacional de Memória e Patrimônio (realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Memória

Social e Patrimônio Cultural), uma das mesas-redondas do evento foi totalmente dedicada à região - Mesa Serra dos Tapes<sup>2</sup>.

A colônia de Pelotas é apresentada sob o viés da diversidade. Passa a ser caracterizada como “mosaico étnico”:

A história da composição étnica da cidade e seu território, nos seus dois séculos de história, permitem-nos caracterizá-la como um mosaico étnico. Este mosaico assume morfologia bastante peculiar na paisagem cultural da Serra dos Tapes. Estas características colocam desafios bastante interessantes para a gestão da memória e do patrimônio focadas no patrimônio étnico. (CERQUERIA et al., 2010, p. 875)

Além disso, os autores do texto referido acima propõem um *circuito de museus étnicos*, que envolve diversos profissionais e estudantes da Universidade Federal de Pelotas, num projeto museológico que seja abrangente do ponto de vista cultural e territorial, buscando dar visibilidade às diferentes tradições étnicas, e apresentar a diversidade dessas tradições.

Trata-se então de um projeto museológico que visa a valorizar a memória das etnias formadoras do espaço colonial em Pelotas, destacando ao mesmo tempo as particularidades culturais de cada grupo e as relações interétnicas. (CERQUEIRA, et. al., 2010, p. 879)

É na construção de narrativas com base em suportes de memória de natureza diversa (cultura material, registros fotográficos, depoimentos orais, entre outros) que se dá, segundo os autores, a compreensão da diversidade que é intrínseca a essa comunidade.

Um “roteiro cultural” também é sugerido por Bach (2009), através da utilização do mapa das fábricas de compotas de pêssago que aponta em seu trabalho como patrimônio industrial rural, “envolvendo algumas fábricas ainda existentes e as comunidades nas quais se inserem.” (p. 189).

---

<sup>2</sup> Os anais do evento estão disponíveis no sítio do evento: <http://simpufpel.wordpress.com/2010/09/22/anais-do-iv-simp/>



Na medida em que percebemos como a colônia de Pelotas é apontada como patrimônio cultural da região, buscamos, a seguir, explorar de maneira mais aprofundada os conceitos de memória e patrimônio, com vistas a situar a relevância dos bailes no imaginário social da colônia de Pelotas. Entendemos, portanto, que o patrimônio nos remete à memória social, sendo que através dessa se revelam as identidades sociais construídas e reconstruídas.

## 1.2 PATRIMÔNIO IMATERIAL, MEMÓRIA E FESTA

Atualmente, a temática da memória e do patrimônio se caracteriza como preocupação central da cultura e da política das sociedades ocidentais, conforme afirma Andreas Huyssen<sup>3</sup>. Pode-se afirmar, segundo o mesmo autor, que o séc. XX foi marcado por um “boom da memória”, sendo a memória uma preocupação das ciências sociais e dos homens de um modo geral, uma vez que os cem últimos anos assistiram a uma intensa criação de “mercados da memória”, que passam pela museificação, pela comercialização do passado via mídia, pela tentativa de reciclar o tempo no impulso em direção à memorialização.

Essa patrimonialização do passado se associa ao movimento de extensão e universalização do patrimônio, preconizados por François Hartog (2006). O patrimônio se impõe como categoria quase que dominante das políticas públicas. Através das iniciativas e convenções da UNESCO, fala-se hoje de uma universalização do patrimônio, se alongando a lista de sítios do patrimônio universal da humanidade. Assim, o autor afirma que atualmente,

(...) o patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam um e outro como vetores da identidade: a palavra-chave dos anos 1980. Mas, trata-se menos de uma identidade evidente e segura dela mesma do que de uma identidade que se confessa inquieta, arriscando-se de se apagar ou já amplamente esquecida, obliterada, reprimida: de uma identidade em busca dela mesma, a exumar, a “bricoler”, e mesmo a inventar. Nesta acepção, o patrimônio define menos o que se possui, o que se tem e se circunscreve mais ao que somos, sem sabê-lo, ou mesmo sem ter podido saber. O patrimônio se apresenta então como um convite à anamnese coletiva. Ao “dever” da memória, com a sua recente tradução pública, o remorso, se teria acrescentado alguma coisa como a “ardente obrigação” do patrimônio, com suas exigências de conservação, de reabilitação e de comemoração. (HARTOG, 2006, p. 266)

Nesse contexto, Maria Letícia Mazzuchi Ferreira (2008) afirma que o debate atual acerca do tema se dá também em torno das reivindicações memoriais, notando

---

<sup>3</sup> HUYSEN, A. En busca del tiempo futuro. Medios, política y memoria, Revista Puentes. Argentina. Traducción: Silvia Fehrmann. año 1, N° 2, diciembre 2000

que “(...) expressões como conflitos, disputas, reivindicações, só encontram sentido em sociedades que cada vez mais identificam a memória como a categoria mais abrangente para refletir seus anseios de presente e futuro.” (p. 55)

Ferreira (2008) expõe que nesse campo patrimonial podem surgir reivindicações memoriais. As políticas contemporâneas estão centradas na luta pelo reconhecimento, e aí se instauram também os conflitos de memória, levando em consideração o que deve ser lembrado ou esquecido. Ao abordar os espaços museais/memoriais, Ferreira busca exemplificar alguns conflitos em torno da memória, ratificando a ideia de Joël Candau, de que são os indivíduos e não a sociedade que rememora. Um dos exemplos que usa para referenciar tais teorias é o caso da cidade de São Lourenço, onde se deu imigração alemã e pomerana. As comemorações relativas ao aniversário da imigração na cidade apontam diferentes elementos de conflitos em torno da memória. O 50º aniversário da imigração pomerana é comemorado com um monumento a Jacob Rheingantz, empresário alemão que agenciou a vinda dos imigrantes para a região citada que migra para a América, e se associa, em 1858 com José Antonio Guimarães, trazendo a primeira leva de imigrantes para a atual região de São Lourenço do Sul. No 100º aniversário é erigido um monumento ao colono. Nas comemorações do 150º aniversário é que vão se destacar os conflitos memoriais. O poder público local busca a afirmação da identidade local através da valorização da memória do imigrante pomerano. Aí se instaura uma contradição, visto que a região não foi colonizada somente por pomeranos, mas também por outras etnias. A cultura pomerana se destaca como afirmativa de uma identidade pomerana, que foi durante muitos anos estigmatizada. Assim, se realizou um “caminho pomerano”, para que os visitantes pudessem interagir com a “verdadeira história pomerana”. Tal caminho termina na casa que pertenceu a Jacob Rheingantz, local onde será o Museu do Imigrante. No entanto, a implementação desse museu constitui-se num desafio, na medida em que as memórias locais se encontram fragmentadas em relação à figura que representa/representou Rheingantz. Enquanto que, para uns, ele foi um homem empreendedor, pioneiro, para outros, ele é lembrado com descontentamento, como explorador. No discurso da administração local, também se revelam contradições:

Ao mesmo tempo em que preconiza uma política de memória que não faça exaltações aos vultos do passado, permitindo incorporar outros atores

sociais nesse espaço museal, reafirmam o lugar como possuidor dessa historicidade imanente e implementam ações afirmativas como a adoção de uma cidade gêmea alemã. Nesse caso, Sponheim, a cidade natal de Jacob Rheingantz. (FERREIRA, 2008)

Para Ferreira (2009), para apreensão do conceito de patrimônio, é necessário compreendê-lo atrelado a outras categorias, como a memória, as reivindicações patrimoniais, políticas patrimoniais. Nas palavras da autora,

(...) as transformações pelas quais passa o conceito podem ser compreendidas pelo sentido que assume a categoria patrimônio no conjunto das práticas sociais e culturais de uma sociedade. Assim entendemos como se confere aos monumentos, cidades, lugares, etc., a denominação de patrimônio histórico; às práticas culturais, às tradições, saberes, etc., a denominação de patrimônio imaterial; aos vestígios e testemunhos de processos produtivos, patrimônio industrial. Entretanto, há que se notar o quanto essas categorias não podem ser aplicadas de maneira estanque, pois se entrecruzam, compõem quadros amplos e complexos da história humana. (FERREIRA, 2009, p. 22)

De acordo com Cerqueira (2010), as interações entre os grupos étnicos que ocuparam a Serra dos Tapes, bem como suas estratégias para perpetuar costumes e tradições, embora pouco exploradas, estão cada vez mais despertando o interesse da comunidade científica, em especial no campo da memória social e patrimônio cultural.

Já exposto aqui anteriormente, a posição de Betemps (2009) em relação à colônia de Pelotas: ao afirmar que mesmo que a região sul do Rio Grande do Sul não tenha sido reconhecida como zona de imigração, mas que esta imigração mudou o perfil econômico e cultural da cidade de Pelotas, o autor reivindica a relevância desse reconhecimento.

Outro exemplo dessa reivindicação memorial aplicada à região da Serra dos Tapes, é percebido no trabalho de Panis (2008), que aponta o reconhecimento da Colônia Maciel (8º distrito de Pelotas), região de imigração italiana, como 5ª Colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul.

Segundo Panis, a colonização italiana na região da Serra dos Tapes data de 1884, enquanto que a reconhecida como Quarta Colônia de imigração Italiana, localizada no centro do estado do Rio Grande do Sul, tem como data de fundação o ano de 1887. Para o autor não há explicação na historiografia que justifique o porquê desse não reconhecimento em relação à colônia italiana em Pelotas. Apesar de ser pormenorizada pela historiografia regional, Panis dá ênfase para a relevância na contribuição dessa colonização nos âmbitos econômicos e produtivos, contribuindo para que a cidade mantivesse sua ascensão social, principalmente devido aos anos que se seguem à implantação da indústria conserveira. A busca por esse reconhecimento atualmente, se dá através da evocação de um patrimônio cultural:

(...) a arquitetura e a paisagem rural, os costumes e tradições italianas que representam o conjunto do arranjo espacial, como casas de pedra, moinhos, cantinas de vinho, ferramentas de trabalho, dentre outros; e da reprodução social cotidiana como a religiosidade, técnicas de trabalho, a produção do vinho, práticas de lazer a festas religiosas, entre outros elementos de destaque. (PANIS, 2008, p. 3)

Conforme o autor, no caso desse patrimônio cultural rural, são reconhecidos e valorizados os elementos construídos e naturais, técnicas, costumes, crenças e o saber-fazer do meio rural. Acrescentam-se a esses elementos, manifestações artístico-culturais, as formas de expressão, as comidas, as vestimentas, os utensílios domésticos e de trabalho, etc.

Para José Reginaldo Gonçalves, a categoria patrimônio é milenar, mas é a sociedade moderna ocidental que lhe dá “contornos semânticos específicos” (Gonçalves, 2003, p. 22), sendo qualificado de acordo com as categorias modernas de pensamento: cultura, economia, natureza, etc. A noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade, conforme o mesmo autor. Os bens materiais de diversas culturas não são classificados separadamente de seus proprietários, e nem sempre possuem valores estritamente utilitários. Nesse sentido, Gonçalves (2003, p. 23) afirma que esses bens,

Em muitos casos, servem a propósitos práticos, mas possuem, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais. Configuram aquilo que Marcel Mauss (1974) chamou de “fatos sociais totais”. Tais bens são, simultaneamente, de natureza econômica, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica e fisiológica. Constituem, de certo modo,

extensões morais de seus proprietários e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos.

Na qualificação mais recente do “patrimônio imaterial” ou “intangível”, opondo-se ao “patrimônio de *pedra e cal*”, segundo o autor, estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária técnicas, entre outras formas; e constitui-se por iniciativa louvável na medida em que flexibiliza o uso da categoria patrimônio, oferecendo a oportunidade de reflexão sobre os significados que pode assumir a categoria patrimônio.

Ao fazer considerações sobre pesquisas realizadas em torno da Festa do Divino Espírito Santo, Gonçalves afirma tratar-se de um fato social total, “na medida em que envolve arquitetura, culinária, música, religião, rituais, técnicas, estética, regras jurídicas, moralidade, etc” (p. 25). O autor chama a atenção para o uso dessa categoria, a intangibilidade, para classificar bens tão tangíveis como lugares, festas, espetáculos, alimentos. Isso se dá porque, segundo ele, “(...) a ênfase está nas relações simbólicas, mas não nos objetos e nas técnicas.” (p. 27). Isso se deve ao caráter desmaterializado que assumiu a moderna noção antropológica de cultura, ao afastamento, de acordo com Gonçalves, da disciplina de antropologia em relação ao estudo de materiais e técnicas, ao longo do século XX<sup>4</sup>. Apesar disso, Gonçalves ressalta que o patrimônio não deve ser visto somente para representar, simbolizar, comunicar, mas sim como

---

<sup>4</sup> No texto “Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios”, o autor fala dos significados dados historicamente à concepção de cultura: a concepção clássica, onde cultura é pensada como processo de auto-aperfeiçoamento humano (associada à ideia de trabalho, de esforço constante e consciente no sentido de formar e aperfeiçoar os seres humanos); e a concepção moderna (a partir século XVIII), quando culturas seriam pensadas como expressões orgânicas da identidade dos diversos grupamentos humanos. (considerada fundamentalmente como expressão da alma coletiva, assumindo o sentido relativista que veio marcar a história da antropologia ao longo do século XX). Partindo desses princípios, Gonçalves considera: **“Se os dois lados estão presentes na categoria patrimônio, este parece funcionar como uma espécie de mediador sensível entre essas duas importantes dimensões da noção de cultura.** Os patrimônios podem assim exercer uma mediação entre os aspectos da cultura classificados como “herdados” por uma determinada coletividade humana e aqueles considerados como “adquiridos” ou “reconstruídos”, resultantes do permanente esforço no sentido do autoaperfeiçoamento individual e coletivo.[grifo nosso] (GONÇALVES, 2005, p. 28)

(...) mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (p. 27).

Nesse sentido, o autor aponta para a originalidade da contribuição dos antropólogos para o entendimento e construção da categoria patrimônio, sendo que essa vem a ser pensada etnograficamente, estando exposta às mais diversas concepções nativas, tomando-se também como referência o ponto de vista do “outro”.

No âmbito da legislação brasileira, embora se tenha reconhecido o patrimônio imaterial na Constituição de 1988, foi só em 2000 que este foi regulamentado, através do *Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000* (Cerqueira, 2006, p. 352), criando-se a partir daí o Registro de Bens de Natureza Imaterial e o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), instrumentos de preservação criados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O reconhecimento, portanto, consiste na inscrição do bem cultural num dos quatro livros de registro: o das **celebrações**, o das **formas de expressão**, o dos **lugares**, ou o dos **saberes**. O quadro a seguir aponta os bens registrados na categoria “celebrações”, reconhecidos pelo IPHAN<sup>5</sup>.

NOME DO BEM	CATEGORIA	DATA DE REGISTRO
Círio de Nossa Senhora de Nazaré	Celebrações	05/10/2004
Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis/GO	Celebrações	13/05/2010
Ritual Yaokwa do povo indígena Enawene Nawe	Celebrações	05/11/2010
Festa de Sant´Ana de Caicó/RN	Celebrações	10/12/2010
Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão	Celebrações	30/08/2011

Tabela 3- Registro do Patrimônio Imaterial na categoria "Celebrações"

A visualização desse quadro nos leva a percepção de que a maior parte dos bens registrados na supracitada categoria caracteriza-se por festas religiosas. Com

<sup>5</sup> Fonte: Banco de Dados dos Bens Culturais Registrados (BCR). Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/indexE.jsf> (Acesso em fevereiro de 2013).

essa observação, não pretendemos entrar no mérito da discussão acerca das escolhas que envolveram o reconhecimento dessas celebrações como patrimônio imaterial.

O que se busca aqui é uma visão diferenciada da instituída nacionalmente, considerando-se também o que o próprio livro aponta como “celebração”: “o reconhecimento de rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social” (Freire, 2005, p. 15). Os bailes da colônia se configuram como celebrações que estão fortemente marcadas na memória social daquela região bem como são vivenciadas no cotidiano dessa comunidade ainda hoje, assumindo novas formas e “roupagens”, marcando uma vivência coletiva no passado e no presente. Nesse sentido, endossamos Gonçalves (2005) ao afirmar que

(...) um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. **Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público.** [*grifo nosso*] (p. 19)

Essa ressonância junto à comunidade é expressada, além de outras formas, na memória social. Nesse sentido, faz-se necessário uma breve explanação do que se entende por memória social e como ela se aplica ao contexto desse trabalho de reconhecimento dos bailes como patrimônio cultural da região.

### ***Memória e Festa***

Etienne François (2010) diz que, quando falamos em memória atualmente, devemos considerar que tratamos da memória de grupos de natureza variada em relação à geração, profissão, região, nação, comunidade ideológica e política. A memória coletiva, no entanto, não se trata somente do conjunto de memórias individuais, mas da interação entre estas. A memória de um grupo contribui para uni-lo enquanto grupo, permitindo que este se situe no passado, no presente e no futuro. Portanto, nas palavras do autor, “(...) isso nos leva a dizer que a memória coletiva é uma realidade antes de tudo social e política, cultural e simbólica.” (p. 17)



Nesse sentido, Alessandro Portelli (1996) assinala que cada indivíduo extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática: a memória social pode ser compartilhada, mas só se materializa nas recordações e nos discursos individuais. Torna-se memória coletiva quando é abstraída da individual. Numa ligação entre os “fatos” do historiador e as “representações” do antropólogo, o autor afirma que

(...) representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. (Portelli, 1996, p.111)

De tal modo, estudos sobre memória têm aparecido em um número significativo de análises sociais. De uma maneira geral, estes estudos representam uma abordagem interdisciplinar e a tentativa de integrar, ainda que com ênfases distintas, as dimensões de tempo, indivíduo e sociedade. Estes novos estudos sobre memória vão enfatizar que não existem memórias individuais, mas atos de lembrar e esquecer, que devem ser consideradas práticas ou ações humanas constituídas socialmente.

Os conceitos de memória se diversificam a partir dos aspectos sociais, as relações entre indivíduo e sociedade podem ser compreendidas sob diferentes óticas, como a memória social, tradição, regimes memoriais, conflitos de memória, lugares de memória, fenômenos coletivos de memória e esquecimento, entre outras.

A memória, em sua relação com a história, interessa sob o ponto de vista social, ainda que não se possa desconsiderar o sujeito que rememora, “pessoas, seres individualizados dentro de um determinado universo cultural.” (Ferreira, 2008, p. 20).

Para Maurice Halbwachs, autor que inaugurou a expressão “memória coletiva”, memória social e memória individual se interligam. Na inserção no mundo social, o compartilhamento/socialização sob diferentes formas trazem elementos para a memória individual. Em sua obra “*Les cadres sociaux de la memoire*”<sup>6</sup>, o

---

<sup>6</sup> HALBWACHS, M., *Les cadres sociaux de la memoire*. Paris : Félix Alcan, 1925. Collection Les Travaux de l'Année sociologique. Disponível em:

autor se refere a molduras sociais que formam lembranças. A linguagem se caracteriza como elemento socializador; a partir daí a lembrança deixa de ser apenas uma experiência cognitiva para se transformar numa memória. Assim, Halbwachs estabelecia o conceito de memória coletiva, onde a memória individual é socialmente constituída por quadros sociais e tudo o que lembramos do passado faz parte de construções sociais que são realizadas no presente.

Sob influência de Durkheim, Halbwachs estuda fenômenos antes considerados de ordem psicológica, sobre a precedência do “fato social”. De acordo com Ecléa Bosi (1987), suas investigações se concentram nas funções que as representações e ideias dos homens exercem no interior do seu grupo e da sociedade em geral. A memória do indivíduo, portanto, depende do relacionamento deste com o grupo de convívio. De acordo com a referida autora, a linha de pesquisa de Halbwachs vai ao encontro da realidade interpessoal das instituições sociais. Portanto, segundo a autora,

A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (Bosi, 1987, p. 17)

A autora ainda atenta para a impossibilidade de reviver o passado “tal e qual” através da memória, presente na obra de Halbwachs: “O conjunto de nossas ideias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados a primeira vez.” (Bosi, 1987, p. 21).

De acordo com Joël Candau (2011), em sua obra *Memória e Identidade*, parece haver um consenso no âmbito das ciências sociais em reconhecer que “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo.” (p. 9). Aos quadros sociais da memória, propostos por Halbwachs, irão ser interpretados por Candau (2010)<sup>7</sup> da

---

[http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs\\_maurice/cadres\\_soc\\_memoire/cadres\\_sociaux\\_memoire.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/cadres_soc_memoire/cadres_sociaux_memoire.pdf) (Último acesso em julho/2012).

<sup>7</sup> Cf. CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. In: Revista Memória em Rede, Pelotas, v.1, n.1, dez. 2009/mar 2010.

seguinte forma: “Esses quadros não são apenas um envelope para a memória mas integram eles mesmos, antigas lembranças que vão orientar a construção de novas. Eles são indispensáveis no compartilhamento memorial” (p. 52). A proposta do autor é a de resumir a multiplicidade de quadros sociais e objetos de transmissão à noção de “sociotransmissores”. De acordo como autor, portanto, esses sociotransmissores teriam, metaforicamente, a mesma função que os neurotransmissores entre os neurônios, favorecendo as conexões, pois permitem uma cadeia causal cognitiva – os bens patrimoniais, por exemplo, são considerados pelo autor como sociotransmissores.

Nesse sentido, compreendemos nesse trabalho que os bailes, enquanto espaços de sociabilidade e lazer possuem dimensões particulares das sociedades nas quais se reproduzem. Interpretando os salões de baile como patrimônio imaterial da região colonial de Pelotas, buscamos, através da memória, a ressonância desse patrimônio junto à comunidade à qual está inserido. Entendemos, portanto, que nesses espaços se revelam as articulações, negociações, relações, enfim, representações que têm sentido, dentro de uma comunidade específica, para a coletividade.

## CAPÍTULO 2 - A COLÔNIA DE PELOTAS: ESPAÇO, DIVERSÃO E SOCIABILIDADE

Exploramos a formação desse espaço que é a colônia de Pelotas, e discutimos sobre como esse espaço se apresenta como patrimônio cultural. Cabe apresentarmos, portanto, os lugares aos quais nos referimos como espaço de sociabilidade do nosso campo de estudo.

Considerando-se que estamos analisando o espaço rural no que tange às suas formas de lazer e sociabilidade, concordamos com Rodrigo Martins (2006, p. 7), quando afirma que:

(...) a ruralidade é um fenômeno complexo, que define-se fundamentalmente pelo estabelecimento e pela manutenção de relações sociais específicas em recortes territoriais de baixa densidade populacional, que mantém interações particulares com centros urbanos e assume dimensões materiais e simbólicas bastante peculiares no conjunto da sociedade global.

Entendemos, portanto que existe uma organização, temporalidade e funcionalidade, conforme afirma Panis (2009), que são próprias do lugar, que resultam de processos econômicos e sociais que se estabelecem historicamente, se alterando conforme imposições do mercado e necessidades da sociedade. Isso faz da colônia de Pelotas um espaço com características únicas, o que nos leva a refletir sobre a aproximação dos conceitos de patrimônio cultural e espaço.

Embora não se pretenda com esse trabalho aprofundar as diferenciações dos conceitos de espaço, paisagem e lugar<sup>8</sup>, cabe menção ao trabalho de Panis (2009), já que neste o autor nos apresenta uma relação entre o patrimônio cultural e o turismo, que introduzem, segundo ele, um novo sentido ao espaço rural, intervindo na paisagem.

Na busca de uma interpretação sobre espaço rural, Panis (2009), ressalta – parafraseando Milton Santos –, que

Embora sendo influenciado por variáveis internas, da sociedade que o produz, externas, por influência dos mercados, do Estado e outras culturas,

---

<sup>8</sup> Para uma compreensão teórica desses conceitos Cf. CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. In: Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, Abril e Outubro de 2007. Nesse artigo o autor se propõe a “refletir sobre as noções de espaço, lugar, paisagem e território, a partir de certo número de títulos da literatura geográfica publicada no Brasil.” (p. 141)

o espaço só pode ser compreendido se observado em sua totalidade, por isto um sistema indissociável, solidário e contraditório, que sofre e promove influências mútuas, por meio de seus elementos e variáveis constituintes. Dentre estes, além da questão da técnica e da informação, dá-se destaque ao sistema de objetos e de ações que são materialmente produzidos e simbolicamente representados, manifestados por meio da cultura, com funções e atribuições sociais. (p. 17)

Milton Santos (1986) afirma que o espaço é um testemunho. Segundo ele, o espaço,

(...) testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas [...] Os modos de produção cedem lugar a outros, os momentos de cada modo se sucedem enquanto os objetos sociais por eles criados continuam firmes, e muitas vezes ainda com uma função na produção. (p. 138)

Para além do espaço, Panis (2009) busca a diferenciação desse conceito com o de paisagem, para então atribuir à região que será o foco do seu estudo – Rincão da Cruz, localidade situada na região colonial de Pelotas –, a expressão “paisagem cultural”. De acordo com Panis, o termo paisagem vai além das formas espaciais, já que é uma herança da ação da cultura sobre o meio. Portanto, segundo ele, “Dessa forma, para compreender as paisagens culturais que compõem o Rio Grande de Sul cotidianamente, é necessário verificar os diferentes acontecimentos históricos que se desenrolaram no solo rio-grandense” (PANIS, 2009, p. 18). Em seu trabalho Panis (2009) afirma que o espaço possui “materialidade cultural que se cristaliza por meio de diferentes processos sociais” (p. 18). Assim, pode-se dizer que o conceito de espaço vai de encontro ao de patrimônio cultural, como bem observa Panis:

Pelos processos históricos e atuais no espaço que é possível compreender como as diferentes formas permaneceram e como algumas são substituídas por outras, segundo a relação de interesses econômicos ou culturais. As velhas formas que conseguiram adaptar-se às novas funções permanecem na paisagem, sendo úteis enquanto conseguirem adequar-se às novas realidades da imbricada relação entre o capital e a sociedade, ou enquanto houver instrumentos jurídicos que as protejam, como no caso do patrimônio cultural.

Pelo viés da memória, procura-se aqui analisar brevemente a importância dos espaços de sociabilidade e lazer, encontradas em obras referentes à imigração

do Rio Grande do Sul. Considera-se aqui que essas formas de sociabilidade viram referenciais de identidade para os diferentes grupos étnicos<sup>9</sup>.

## 2.1 A ruralidade e seus lugares

A análise das manifestações de lazer numa comunidade rural de descendentes germânicos, e as implicações do lazer na construção da identidade e memória do grupo, a partir dos tensionamentos e conflitos existentes na Colônia Triunfo, permitiu que a pesquisadora Patrícia Weiduschadt percebesse, através da observação de campo (aliada a apropriação de conceitos de identidade e memória) e entrevistas semi-estruturadas, as implicações entre trabalho, religião e lazer, bem como o lazer como elemento provocador de “sentimento de pertencimento do grupo, estabelecendo redes de sociabilidade nos campos da religião, lazer e trabalho.” (p. 33). A autora observa que a memória e a identidade do grupo são perpassadas pelas manifestações de lazer.

Um primeiro ponto a se destacar nesse trabalho, justamente por ser recorrente nas bibliografias estudadas que abordam o tema nas colônias de imigração de diferentes regiões – inclusive da região que abrange o nosso estudo –, é a questão da fragmentação entre trabalho e lazer que é muito “tênue”, conforme aponta a autora, na comunidade rural. Sua hipótese é de que no trabalho ligado a agricultura não aparece de forma explícita a dicotomia tempo de trabalho e tempo de lazer. Assim a autora justifica:

Não queremos negar que há uma certa hierarquização no trabalho rural, mas o trabalho agrícola apresenta mais autonomia e possibilidades de adaptação com o lazer e a religião na zona rural. Assim, o tempo de trabalho e de não trabalho parecem estar juntos, no sentido que as principais manifestações de lazer desta comunidade possam parecer estar atreladas ao trabalho. Por exemplo, nos ritos e festas religiosas, ou ainda, nas cerimônias de casamento e batizado. Estas festividades têm seu valor na perspectiva de promoverem a manutenção da força de trabalho, de reprodução familiar e na organização funcional do cotidiano. (WEIDUSCHADT, 2009, p. 41)

---

<sup>9</sup> Embora esse trabalho não procure aprofundar definições conceituais acerca do termo identidade cultural, compartilhamos da afirmativa de Hall (2005), reconhecendo que a cultura nacional, contribui na construção de identidades: “As culturas nacionais, ao produzir sentido sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar* [grifo do autor], constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.” (p. 51).

Outro ponto a se destacar no trabalho de Weiduschadt (2009) são os conflitos em torno das diferentes formas de lazer, conforme orientações religiosas.

As comunidades ligadas ao Missouri, o grupo analisado, buscou na sua constituição uma orientação moral pietista, ou seja, a figura do pastor era o responsável pela educação de seus fiéis e condenavam as festas e bailes fora do âmbito religioso. Já as comunidades independentes mantinham um costume contrário, fornecendo uma maior autonomia dos seus membros. (p. 41-42)

A particularidade da colonização germânica pomerânica da Colônia do Triunfo (e na região sul do estado do Rio Grande do Sul de colonização alemã) faz que com que as manifestações de lazer estejam fortemente ligadas à religião, de acordo com a referida autora. Em outras regiões do Estado, as vias de lazer se dão de forma diferente, segundo ela, através das sociedades recreativas de lazer.

Por sua vez, Losane Schwartz e Giancarla Salamoni (2009), afirmam que os imigrantes alemães, principalmente no Rio Grande do Sul, representaram uma importante transformação na estrutura agrária, dando início a organização baseada na propriedade familiar, constituindo o campesinato (juntamente com outras etnias), se fixando nos lotes coloniais, utilizando-se do trabalho familiar. Além disso, as autoras destacam a questão do isolamento e da homogeneidade étnica dos núcleos coloniais.

Muitas colônias se caracterizaram por uma forte coesão social e uma endogamia, o que fez com que se preservassem muitos de seus traços culturais: na alimentação, na organização interna das unidades de produção (divisão do trabalho, técnicas de produção, etc.), nas formas de sociabilidade, no que se refere à sucessão hereditária e, principalmente, na manutenção do uso da língua materna. (p. 2)

A apreciação das autoras está focada na localidade de Harmonia I, localizada no 4º distrito do município de São Lourenço do Sul, cuja comunidade é essencialmente formada por imigrantes pomeranos, que se organizam em pequenas propriedades de trabalho familiar, e que, de acordo com elas, conservam costumes e o uso do dialeto pomerano no seu cotidiano.

Nesse estudo, Schwartz e Salamoni (2009) apontam para alguns padrões culturais presentes entre os agricultores da localidade pesquisada, sobretudo nas “formas de transmissão do patrimônio fundiário” (p. 9), identificados através das relações de trabalho e das formas de sociabilidade desses agricultores. Para tal,

partiram do pressuposto que algumas tradições culturais influenciam a organização das atividades produtivas: “a origem étnica e os valores herdados dos antepassados fornecem um conjunto de regras que condicionam a organização interna da unidade produtiva” (p. 10). Aqui, mais uma vez irá aparecer a percepção quase impossibilidade de dissociar a produção da sociabilidade, no que se refere às tradições.

Têm-se como exemplos as tradicionais festas relacionadas à produção (festa do amendoim, do morango, da pimenta, do fumo, do milho, etc.) que além de ser uma forma de lazer, proporcionam o encontro entre as famílias, a troca de conhecimentos e são um incentivo à produção, sendo inclusive realizados concursos com premiação para os agricultores que apresentam o melhor produto. (p. 14-15)

E mais uma vez também é visto na religiosidade uma das formas mais importantes de sociabilidade. Ainda assim, as autoras observam que não se trata apenas de um forte sentimento de religiosidade, mas de uma forma de convivência social existente na comunidade estudada. A sociabilidade, portanto, se apresenta para elas como uma herança cultural, juntamente com a organização do trabalho, a religiosidade, e a manutenção do dialeto pomerano.

Em outras regiões do Estado do Rio Grande do Sul, temos o exemplo da pesquisa de Oni Nardi e Vera Maria Miorin (2006), indicam uma “forte cultura autêntica”, nas áreas coloniais em especial, o fenômeno turístico da atualidade na Região Quarta Colônia de imigração Italiana do Rio Grande do Sul, como forma de valorização territorial. Para os autores, as singularidades que se apresentam como atrativos turísticos, se referem a identidade cultural do grupo estudado. Mais uma vez a sociabilidade e o lazer aparecem como exemplo de tradição em estudo referente à imigração no Rio Grande do Sul.

(...) vão desde os dialetos falados; a disposição e arquitetura das moradias; hábitos alimentares; a forma como os indivíduos e os grupos se organizam no espaço; a relação que mantêm com a terra na pequena propriedade; com mão-de-obra familiar voltada para a agricultura; **suas opções de sociabilidade** e seu estilo de organização comunitária, promovendo a valorização territorial rural mediante o resgate e (re) significação da cultura autêntica. [*grifo nosso*] (NARDI, MIORIN, 2006, p. 18)

As práticas de lazer e sociabilidade também aparecem vinculadas à tradição no trabalho de Ghiggi (2008). A autora identifica numa localidade rural do interior do município de Nova Pádua, habitada por famílias de origem italiana, o forte vínculo de



manutenção da identidade italiana nas práticas dos momentos de lazer. E, mais uma vez, a religião – neste caso a católica – aparece se integrando aos momentos de lazer da população.

A identidade étnica italiana é apontada Micheli Ghiggi (2008) como “diretamente relacionada” com as práticas de lazer:

As atividades praticadas pelos habitantes do Travessão Paredes nos momentos de lazer estão diretamente relacionadas com a identidade étnica deste grupo e com aspectos da religião que eles vivenciam. O fato de eles serem descendentes de italianos faz com que pratiquem atividades típicas dessa nacionalidade. Além das praticas de lazer, também foram adotados alguns costumes do país de origem de seus antecessores, como a culinária, o artesanato, a agricultura, a fala e a religiosidade. [...] (p. 39)

A tradição que envolve o elemento étnico é tão marcada em estudos sobre comunidades de imigrantes, que até mesmo quando se fala em carnaval, este elemento aparece como fundamental para entender uma comunidade. É o caso do “*Schropfest*”, ocasião em que a comunidade rural de Santa Cruz do Sul/RS (colônia alemã fundada em 1849) se reunia para comer e beber no período que antecede a Quaresma, analisada por Débora Vogt (2007). Além de já apresentar características étnicas no próprio nome, as músicas tocadas nas referidas festas eram “todas em alemão”. Segundo a autora, o isolamento geográfico da área rural, imposto pelas vias de acesso em pelos meios de transporte, que “contribuíram para a manutenção de uma cultura festiva peculiar” (p. 11).

A tradição musical será referência na análise sobre os bailes e suas bandas e conjuntos musicais das décadas de 40 e 60 da cidade de Taquara (RS) – cidade de colonização alemã:

Estes imigrantes trouxeram consigo uma grande tradição musical sendo que suas condições de subsistência eram precárias e utilizavam do cooperativismo e da associação para solucionar as questões de ordem econômica, social e cultural. Com o passar do tempo e o gradual desenvolvimento da colônia surgem as sociedades de canto que junto às outras agremiações germânicas formarão os locais de lazer e sociabilidades da cidade [...] Estas sociedades contavam principalmente com o coral tendo em alguns casos até pequenas orquestras. (PASSOS, VARGAS, 2010, p. 119)

Os autores apontam também para uma proliferação das bandas e de salões no interior da cidade de Taquara. Isso ocorreu devido às distâncias entre as localidades e o difícil acesso às mesmas, considerando-se que os principais meios de transporte era o cavalo ou a carreta. Portanto, cada localidade possuía sua banda. Conforme apontam em sua pesquisa “(...) qualquer local com um espaço maior podia ser utilizado para realizar um baile ou confraternização que reunia pessoas próximas como vizinhanças. E tal condição propiciava o surgimento de um número maior de bandinhas.” (p. 122). Além disso, eles apontam para um forte vínculo com a tradição germânica, que ocupava grande parte do seu repertório musical. Com o tempo, essa “tradição” vai se modificando, conforme vão se introduzindo novos ritmos no interior com o advento do rádio:

Nas zonas de colônia ou com grande influência da colonização alemã, principalmente em sociedades de origem germânica, predominava o gosto por músicas típicas alemãs. Com o decorrer dos anos e gradualmente, é que outros estilos musicais foram incorporados ao repertório das bandas em festas de sociedades de origem germânica mesmo que desde a década de trinta a música e os ritmos trazidos através da rádio e de amplitude nacional influenciassem em alguns aspectos o formato e os arranjos das bandas. (PASSOS, VARGAS, 2010, p. 122).

Essas e outras semelhanças e diferenças serão apontadas no item a seguir que irá tratar das práticas de lazer na colônia de Pelotas. A seguir iremos apresentar algumas peculiaridades da região, bem como especificar os espaços de lazer que se apresentaram e ainda se apresentam como “tradicionais” na região que é nosso foco de estudo.

## 2.2. As práticas de sociabilidade e diversão na colônia de Pelotas

De acordo com o que vimos anteriormente, pudemos observar que, na maioria dos casos, aparecem como espaços de sociabilidade/lazer os seguintes lugares: igreja, cancha de bocha (principalmente quando se tratam de colônias de imigrantes italianos), clubes de futebol, salões de baile (ligados ou não à paróquias). Vania Thies (2008), ao analisar as práticas de lazer de dois agricultores da zona rural de Pelotas e Morro Redondo, afirma que

O lazer na zona rural está associado ao descanso do trabalho na lavoura. Isso acontece por meio de idas ao futebol, bailes, danças, festas, visitas aos parentes, uma vez que, para quem trabalha na agricultura, não há período de férias, como há para outras profissões. (p. 115)

Ao analisarmos o caso da colônia de Pelotas, percebemos a ocorrência desses mesmos espaços de lazer/sociabilidade, embora não de forma idêntica, mas apresentando algumas semelhanças. Esses lugares são identificados atualmente numa saída de campo. Num passeio pela colônia, numa visita aos seus museus, ou em conversa com a população local, esses lugares aparecerão como referência de lazer. Além de termos essa percepção atual dos espaços de sociabilidade que se constituíram na colônia de Pelotas, temos a bibliografia que aborda sob diferentes óticas a história da região, apresentando esses espaços, através de fontes diversas.

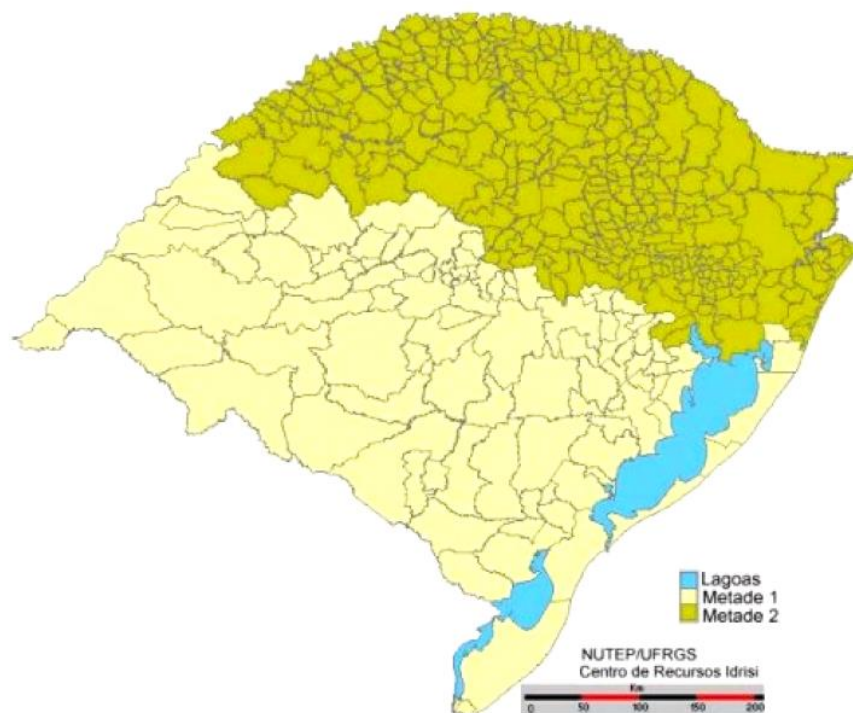
A seguir iremos apontar algumas características que informam, nos apoiando na bibliografia referente ao tema e em algumas observações em saídas de campo, sobre a convivência nesses espaços de sociabilidade, de forma a nos aprofundarmos um pouco mais no universo do campo estudado; a colônia de Pelotas.

Cabe, contudo, ressaltar a especificidade do nosso campo de estudo. Primeiramente, é importante distinguirmos a formação territorial do estado do Rio Grande do Sul. Vieira e Betemps muito bem definem essa formação: o estado se divide em duas paisagens naturais (principais) e dois contextos históricos.

O suporte sob o qual o Estado do Rio Grande do Sul foi assentado pode ser dividido, geograficamente, em duas partes distintas, [...] Esta dicotomia, de ordem topográfica, foi determinante no processo de ocupação do solo, gerando configurações sociais, econômicas e culturais que ainda atuam na estrutura do Rio Grande do Sul. (p. 6)

Temos, portanto, historicamente, a formação de dois tipos de produção no Rio Grande do Sul: ao final do século XIX, há, de um lado, a pecuária, forma de produção mais antiga, estimulada pela Coroa Portuguesa que concedia grandes extensões de terra em troca de proteção do território contra eventuais investidas “castelhanas”; e de outro a economia colonial, também estimulada pelo governo imperial, que visava uma maior ocupação territorial, em terras que não eram aproveitadas pela pecuária (Figura 2). Conforme afirma Betemps e Vieira, (2008),

“essas duas formas de ocupação deram origem às sociedades, econômica e socialmente diferenciadas, vinculadas a sua topografia” (p. 7).



**Figura 29 - Mapa do Rio Grande do Sul que apresenta as duas metades geográficas.  
Fonte: Betemps e Vieira (2008)**

Portanto, reafirmando o que já foi dito no primeiro capítulo do nosso trabalho, no sentido de reforçar a ideia da constituição dos espaços na cidade de Pelotas, concordamos com Betemps e Vieira (2008), quando afirmam que em Pelotas, esse “jogo de contrastes geográficos” que definiu a ocupação do Rio Grande do Sul irá se reproduzir em menor escala.

Outro ponto importante a se destacar é a questão da distância entre as colônias de Pelotas e o centro urbano da cidade, que eram grandes, o que era agravado pelo fato das rodovias serem precárias, e os meios de transporte escassos, ou privilégio de poucos. Muitos dos depoimentos registrados pelo Museu Etnográfico da Colônia Maciel trazem essa informação sobre a dificuldade de deslocamento na colônia – tanto dentro da própria colônia, quanto o deslocamento da colônia para o centro urbano. A distância da colônia para a cidade, que hoje se resume a aproximadamente 17 km – dependendo da localidade - eram muito maiores, devido à falta de estradas. Para ir à Pelotas (conforme consta em

depoimentos) era preciso sair de madrugada, para chegar ao centro já anoitecendo. A narrativa de D. Gema Voltan Zanetti Kurtz nos trás uma ideia de como eram essas viagens:

*É, era umas estradas que o senhor saía dum lugar pra caminhar no outro, e ai tinha os cavalos pra puxar. Eu me lembro que nós subíamos uma subida, às vezes quando eu tinha que comprar roupa eu ia junto com o pai a Pelotas. Ai a gente tinha que subir a subida, tinha que caminhar a pé, não tinha, pra não fazer tanto peso pros cavalos que iam carregar. [...] <sup>10</sup>*

No que se refere à colônia municipal, por exemplo, Margareth Vieira (2009) aponta para a introdução do transporte coletivo em 1948:

A introdução do transporte coletivo permitiu a localidade, além do deslocamento de pessoas e objetos, maior aproximação com o centro urbano. Assim, em 1948, a localidade Gruppelli passou a contar com os serviços de transporte coletivo dos irmãos Leitzke, da Colônia Santo Antonio, cujo trajeto era Pelotas, Monte Bonito, Vila Nova, Bachini, Gruppelli e, posteriormente, Colônia Maciel. (p. 70)

Há, portanto, momentos diferentes que devemos considerar quando falamos em lazer. Num primeiro momento, os imigrantes que aqui se instalaram tinham suas atividades voltadas basicamente para a agricultura. A própria questão de *tempo* deve ser considerada como um fator crucial, já que nesses casos, não temos uma divisão “industrializada” (MARCELLINO, 2006) de horários de trabalho. Dentro de uma mesma sociedade, apresentam-se estilos de vida diferentes. Na sociedade rural, no momento em que esta não possui as marcas da industrialização não havia uma separação rígida entre as várias esferas da vida, a produção obedece o ciclo natural do tempo; os locais de trabalho se confundem com a moradia, como já foi dito anteriormente. Conforme afirma Thies (2008),

O tempo na vida rural é diferente do tempo na vida urbana. Na zona rural, levantar cedo, tratar os animais, tirar o leite que irá para a mesa do café, comer alimentos produzidos na propriedade, trabalhar em contato com a terra e seguir os horários do sol são hábitos comuns. A zona rural segue mais a lógica da natureza, enquanto, nos espaços urbanos, em virtude das condições específicas do trabalho, segue-se uma lógica artificial mais atrelada ao “tempo do relógio”. (p. 112)

---

<sup>10</sup> Trecho de entrevista concedida à equipe do MECOM, em 18/06/2000.

As opções de lazer, nesses primeiros momentos de imigração se limitavam ao espaço doméstico, com jogos de carta, os jogos de bocha, as visitas, conforme observamos nos depoimentos orais dos primeiros imigrantes italianos, que compõem o acervo do Museu da Maciel, e no trabalho de Betemps (2009) que analisa testemunhos de diferentes gerações de descendentes de imigrantes franceses. Numa das entrevistas concedidas à Betemps (2009), o depoente afirma:

*As famílias francesas se relacionavam muito bem, este lado do Andrade não ficava isolado do lado da Francesa. Eram amigos de todos, por isso que eu falei **no início que esse pessoal se procurava**, os alemães, os italianos, cada um ia assim para o seu grupo, até para o entendimento das suas línguas suas origens. **Eles se visitavam, nós aqui tínhamos visita dos Jouglard, dos Ribes, semanalmente, eram amigos mesmo**. Visitam, faziam procissão, não era grande festa, a não ser depois da construção da igreja da Vila Nova, aí sim o pessoal se reunia mais, faziam visitas e faziam arrecadação. Mas no início o pessoal se visitava, iam para carreiras junto, os franceses eram amigos [grifo nosso]<sup>11</sup>*

O lazer da criança também vai se modificando com o tempo. Num primeiro momento, como dito anteriormente, temos uma comunidade que tem como base de seu sustento o trabalho da agricultura familiar. As crianças também participavam desse trabalho. Isso é o que revela a narrativa de Irene Casarin: “*Nós brincávamos. Domingo, quando não tinha serviço, o falecido papai fazia uma roda de pedra e nós brincávamos. Passava o dia ali brincando, quando não tinha serviço.*”<sup>12</sup>. Com relação aos brinquedos, alguns eram feitos pelas próprias crianças<sup>13</sup> (Betemps, 2009), e outros pelos adultos (Figura 3).

---

<sup>11</sup> Depoimento de Albino Magallon Borges, em 12 de dezembro de 2008, na Colônia Santo Antônio. (Betemps, 2009, p. 184)

<sup>12</sup> Depoimento de Irene Casarin Scaglione, concedida à equipe do MECOM, em 20/05/2000.

<sup>13</sup> “[...] *minha infância era assim, eu fazia o brinquedo com uns sabugos de milho amarrado numa latinha de peixe e aí puxava, não tinha caminhão, não tinha coisa nenhuma.*” (depoimento de Luiza Conte Magallon, descendente de franceses da colônia Santo Antônio, concedida para Leandro Betemps, em 12/12/2008).



**Figura 30 - Brinquedo de madeira produzido artesanalmente na Colônia Maciel –  
Fonte: foto do acervo do Museu da Maciel**

Com o passar dos anos, essa realidade vai se transformando e as práticas de lazer e sociabilidade na colônia de Pelotas vão se tornando mais frequentes. Algumas famílias, quando passam a prosperar financeiramente, passam a criar novos espaços:

Em 1925, com os produtos gerados pela olaria os negócios puderam ser ampliados e Hermógenes pode transformar a antiga casa, adquirida em 1905, em uma construção que abrigasse, num único prédio, a residência da família e as atividades comerciais: armazém e restaurante. Um espaço edificado que, devido às amplas dimensões, servia também como salão de bailes e reuniões sociais do Grêmio Sportivo Boa Esperança, fundado em 1924, pelos seus filhos. (VIEIRA, 2009, p. 64)



**Figura 31 - Quadro comemorativo Grêmio Sportivo Boa Esperança, exposto no Restaurante Gruppelli | Fonte: Foto da autora, 2012**

Aliada a isso temos a questão da energia elétrica. Em documentação e depoimentos analisados por Cristiano Gehrke (2013), consta que até 1957 ainda não havia instalação de luz elétrica na Colônia Maciel. De acordo com depoimentos orais do acervo Museu da Colônia Maciel, isso se deu somente na década de 1970. Antes de chegar a eletricidade na colônia a energia era gerada por moinhos ou baterias. Ainda assim, servia somente para a iluminação e poucos eletrodomésticos. De acordo com alguns relatos que estão no acervo do MECOM, esse tipo de energia não era o suficiente para geladeira ou chuveiro. A iluminação também podia ser dar por meio de lampiões de querosene ou velas.

A seguir apresentamos algumas características dos principais espaços de lazer/sociabilidade da colônia de Pelotas, e a forma como esses aparecem nas bibliografias e nos acervos dos museus locais.

### **Igreja**

A igreja tem um papel muito importante quando falamos em sociabilidade na colônia. As missas, que eram geralmente realizadas nos finais de semana e



eventualmente durante a semana (no caso de alguma missa de 7º dia, por exemplo) constituíam um lugar de sociabilidade na colônia. No entanto, a participação da igreja na vida cotidiana que envolve o lazer e a sociabilidade não se resume a celebração de missa, mas também a organização de festas comemorativas. A religiosidade, portanto, conforme afirma Peixoto (2003), aproximava os moradores da colônia através de festividades. Em sua pesquisa sobre a Colônia Maciel, a autor aponta pra seguinte realidade:

O cotidiano das famílias era ordenado pelo trabalho na lavoura e pelas festividades religiosas e esportivas. A religiosidade integrava e aproximava os moradores da colônia através de festividades, como a comemoração no dia 19 de março em homenagem a São José. (PEIXOTO, 2003, p. 47)

Na colônia francesa (Santo Antônio) a relação com a Igreja parece ter sido diferente da dos italianos, de acordo com Betemps (2008). Ainda que, como afirma o autor, os colonos franceses fossem católicos, não havia a mesma preocupação desse grupo com a igreja como havia entre os italianos. Para Betemps (2008). “Se para os italianos a fé era mais importante que a razão, a secularização da religião na França parece ter influência nos franceses que vieram para Pelotas. A escola era mais importante que a igreja.” (p. 75). Ainda assim, quando se trata de atividades de lazer, em praticamente todos os depoimentos coletados por Betemps (2008), com diversas gerações das famílias de descendentes de imigrantes franceses são relatadas as festas da igreja como atividade de lazer. No depoimento de Albino Magallon Borges – da segunda geração de descendentes franceses –, quando fala das relações de sociabilidade na região, consta o seguinte: “*Visitam, faziam procissão, não era grande festa, a não ser depois da construção da igreja da Vila Nova, aí sim o pessoal se reunia mais, faziam visitas e faziam arrecadação. [...]*”<sup>14</sup>.

Aqui fica evidente também a questão da participação da comunidade nas festas organizadas pela igreja. Toda comunidade trabalhava unida para arrecadar fundos ou comida para essas festas. Embora com algumas distinções esse envolvimento das famílias acontecia (e ainda acontece) em todas as comunidades da colônia.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida à Leandro Betemps em 12/12/2008. Fonte: Betemps, 2008.

Thies (2008) revela, em sua pesquisa, a vida cotidiana de dois agricultores da colônia de Pelotas (mais especificamente, na localidade de Santa Áurea), através da interpretação dos registros dos referidos agricultores (descendentes de alemães) realizados em diários. Aqui temos mais uma confirmação de como de dava a participação coletiva nos preparativos das festividades da igreja.

(...) a preparação da festa e o trabalho no dia incluem o **envolvimento de toda a família** nas mais diferentes atividades como, por exemplo, o carregamento de tábuas para fazer mesas e barracas, a venda nas barracas, a limpeza, a contagem do dinheiro da festa, etc. Isso caracteriza a festa na zona rural como um grande espaço em que há barracas de lonas, bandinhas típicas tocando músicas, casais dançando, almoço colonial e, em alguns casos, jogos e brincadeiras, como pescarias, tiro ao alvo, etc.[grifo nosso] (p. 116)

As atividades de lazer ligadas à Igreja são verificadas até hoje. Conforme o trabalho de Müller et. al. (2012), que busca apresentar as formas de lazer em Cerrito Alegre (3º distrito de Pelotas), as autoras verificam que a maioria das práticas de lazer citadas nas entrevistas – elaboradas pelo grupo de pesquisa que fazem parte do projeto denominado “Memórias: fazendo história”<sup>15</sup> –, são ligados à religião e a etnia. A localidade apresenta uma diversidade de origens étnicas (embora sobressaia-se o grupo de origem germânica), bem como uma variedade de religiões, destacando-se católica, evangélica e luterana que, segundo as autoras, são as que provavelmente congregam maior número de membros.

## **Futebol**

Na análise do acervo fotográfico do MECOM, Peixoto (2003), ressalta a presença do futebol e sua importância significativa para a comunidade da região colonial.

---

<sup>15</sup> Projeto de extensão desenvolvido pelo curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas.



**Figura 32 - Fotografia do time de futebol “Progresso” da Colônia Santo Antônio -  
Fonte: Peixoto, 2003**

Além disso, a autora aponta para a relação do futebol com bailes e festas da colônia:

O futebol tinha a capacidade de reunir e agregar a comunidade em eventos de maior vulto, que contavam com a participação de toda a comunidade e possibilitavam atividades paralelas, como bailes e festas para escolha de rainhas. (p. 47)

A justificativa para a compreensão da força da disseminação do futebol na região colonial observa-se, segundo Peixoto, através de um “marco histórico”: a proibição de manifestações culturais das etnias de imigrantes associados ao Eixo da Segunda Guerra Mundial (alemães, italianos e japoneses), por parte do Estado Novo e sua política nacionalista.

Na medida em que a atividade de lazer é uma atividade de congregação social, nela percebemos pronunciadas mudanças nesse contexto da política nacionalista de Getúlio Vargas: como estratégia de assimilação social, os descendentes de imigrantes sentiram necessidade de apresentarem-se como “brasileiros”. O maior exemplo disso é a pintura do salão de refeições do restaurante do Gruppelli, representando a Bandeira do Brasil. A denominação dos times de futebol refletem a mesma preocupação de ligarem sua identidade à brasilidade: tanto o lema “progresso” como a constelação “Cruzeiro do Sul” estão representados na bandeira nacional.

Assim, o futebol e a bandeira nacional inserem na atividade de lazer a reelaboração de identidade étnica, reforçando a pertença ao Brasil (futebol e bandeira nacional) em detrimento das diversões tradicionais (Mora). (PEIXOTO, 2003, p. 48)

Além disso, de acordo com referências bibliográficas que contemplam a região colonial de Pelotas, existem indícios de que bailes ocorriam também nas sedes dos clubes de futebol. Ao analisar o processo de formação da localidade do Gruppelli, situada na colônia municipal, Vieira (2009) afirma o campo de futebol ser um dos espaços que mereciam especial cuidado, enquanto empreendimento da família Gruppelli na localidade. De acordo com a autora, esse empreendimento entre outros relacionados ao lazer (como o parque, por exemplo), é oriundo do desejo de ampliar o relacionamento com pessoas de diversos lugares, incluindo o outro como parte integrante das atividades cotidianas da localidade.

Bach (2009) também relata a importância do futebol colonial como lazer na zona rural. Segundo o autor, foram construídos estádios em algumas localidades, a saber:

(...) na localidade de Morro Redondo que, em 1942, construiu[-se] o Estádio do Índio; na localidade de Bachini, surgiu o estádio Claudemiro Bachini; em Ponte Cordeiro de Farias, o Campo do Centenário; e na localidade de Grupelli, o Campo do Grêmio Sportivo Boa Esperança que, conforme Paulo Ricardo Grupelli, foi fundado por Hermógenes Grupelli, em 21/01/1924, estando até hoje em atividade. Foi campeão da colônia em 1932, os troféus e quadro comemorativo se encontram até hoje no Restaurante Grupelli, empreendimento familiar que centraliza essa localidade. (BACH, 2009 p.158)

Nesse sentido, Vieira (2009) relata a aproximação da colônia com a cidade, também através dos bailes que, segundo ela, eram eventos sociais que movimentavam toda a comunidade. Essa aproximação colônia/cidade pode ser comprovada através da imprensa local (jornal *Diário Popular* de 7 de fevereiro de 1933), anunciando “Baile no 7º Distrito”:

O G. S. Boa Esperança realiza no sábado próximo 11 do corrente, baile a fantasia na sede social no 7º Distrito, na casa comercial do Sr. Hermógenes Grupeli.  
Ficamos gratos pela gentileza do convite. (Diário Popular, 7/02/1933, p. 4)

A importância da prática desse esporte permanece até os dias atuais. Numa busca na internet encontramos o *blog* da “Associação Colonial de Esportes”. Embora a referida associação leve a denominação de “esportes”, nesse espaço que é o *blog*, fica claro que esta tem sua dedicação principal o futebol. Ali são divulgadas as reuniões da associação, os resultados dos campeonatos de futebol, como fotos dos times adversários, as fotos dos troféus, entre outras. A própria configuração do *blog* já trás em sua apresentação as insígnias dos times de futebol da colônia (Figura 6).



Figura 33 - Imagem de abertura do blog da Associação Colonial Esportiva

## O jogo de bocha

Ao analisar a cultura material preservada pelos descendentes de imigrantes italianos da Colônia Maciel, Peixoto (2003) identifica a cancha de bocha que, segundo ela, possui ainda estrutura arquitetônica preservada na localidade, embora tenha sofrido reformas e melhoramentos. De acordo com a autora, “(...) esta estrutura representa um espaço comunitário de lazer cultivado desde a chegada dos imigrantes e preservado até hoje.” (p. 63). O jogo de bocha resistiu ao tempo a ao

processo de assimilação cultural e, segundo a autora, difundiu-se pelas regiões vizinhas, tornando-se um elemento de identidade cultural de toda a região colonial.

No trabalho realizado envolvendo suportes de memória na colônia francesa de Pelotas, de Leandro Betemps, a cancha de bocha figura em praticamente todos depoimentos coletados, sendo identificada como espaço de lazer. Havia torneios de bocha na colônia, e o término desses torneios é lembrado com pesar por alguns dos entrevistados de Betemps (2009, p. 140):

Para Albino [Borges], o que deve ser salientado é o fim dos momentos entre amigos, entre familiares. Ele diz que as pessoas não mais se procuram. O fim dos torneios de bocha, para ele, foi o fim de uma colônia que ele conheceu.

Em relação aos jogos de bocha, podemos afirmar que, embora ainda existam canchas de bocha atualmente, geralmente é considerado um jogo do “passado”. Além desse lamento em relação ao término dos torneios, a bocha hoje é considerada uma prática dos mais velhos. No supracitado trabalho de Müller et. al. (2012), a bocha é considerada da seguinte forma: “O entrevistado 6 classifica os jogos de futebol e as corridas de moto, como atividades atuais e os jogos de carta, os jogos de bocha e Cabeça de Carneiro (jogo de cartas de origem alemã), como atividades de antigamente.” (p. 14).

### **Armazéns**

Outro espaço de sociabilidade e lazer identificado na colônia são os armazéns, também chamados de *vendas* pelos moradores locais. Em geral eram espaços contíguos à casa dos proprietários. Em outros períodos se caracterizaram como principais pontos comerciais da colônia, comercializando grande variedade de produtos. Além da comercialização de produtos, os armazéns tornam-se pontos de encontro entre os moradores, homens na maioria das vezes, para beber e jogar cartas.

Embora, atualmente, não sejam mais pontos de referência de comércio, muitos armazéns preservam o papel de agregador socioeconômico-cultural da comunidade, como bem observa Vieira (2009, p.58):

Como os armazéns sempre foram pontos de referência para a comunidade colonial, alguns acabaram congregando em suas proximidades certa concentração de casas e serviços, como aconteceu com o Gruppelli que acabou se tornando uma localidade.

Vieira (2009), que se propõe a analisar as fotografias da localidade Gruppelli (7º distrito – Pelotas/RS), afirma, à respeito de uma das fotografias, provavelmente datada da década de 30 do século XX (Figura 7) que o armazém dos Gruppelli se apresenta como espaço de convívio social “animado por homens, mulheres e crianças,” (p. 64).



**Figura 34 - Casa Comercial Gruppelli, Colônia Municipal, 7º Distrito. Acervo Museu Gruppelli - Fonte: Vieira, 2009**

Em sua pesquisa, Vieira (2008), aponta que para os frequentadores do Armazém Gruppelli,

(...) este é um lugar relacionado ao espaço/tempo da nãoobrigação, do prazer, do repouso, do esquecer, do rir, do ouvir e do contar. Um lugar onde, certamente, as lembranças de uns são lembradas por muitos, onde a memória além de compartilhada é sustentada e acrescida, constantemente, a cada encontro diário ou semanal. (p. 211)

De acordo com a autora, portanto, além de demonstrar o armazém como lugar de sociabilidade do passado, a fotografia revela que não somente o patrimônio edificado, cujas formas arquitetônicas são preservadas até a atualidade (salvo algumas pequenas intervenções), mas também o “modo de vida que envolve”, se preserva no cotidiano atual.

## CAPÍTULO 3 – OS BAILES DA COLÔNIA

Já expusemos a colônia de Pelotas, sua formação, além de como esta se apresenta como patrimônio cultural. Dentro da ótica do patrimônio, vimos as práticas de lazer e sociabilidade realizadas na colônia de Pelotas, bem como o tratamento que o tema recebe em estudos referentes à imigração no Rio Grande do Sul.

Chegamos, portanto, ao momento de apresentar o objeto específico deste estudo: os bailes da colônia de Pelotas. Neste capítulo buscamos mostrar um panorama geral desses bailes, como se apresentam nas diversas fontes de pesquisa, no intuito de revelar a diversidade de visões acerca desses bailes.

### 3.1. Os bailes – um passeio pela colônia

Como já foi dito anteriormente, das formas de sociabilidade que se verificavam na colônia, destacavam-se os bailes e os chás dançantes. Em relação aos bailes, Bach (2009) afirma que os principais faziam parte de um calendário “oficial” – Baile de Natal, Baile de Ano Novo, Baile de Páscoa, Baile da escolha da rainha da colônia, sendo este último um dos mais expressivos, segundo o autor. Esses bailes tinham grande repercussão nas redondezas, já que vinham várias pessoas até de outros municípios. Nesse caso, o autor identifica que o mesmo meio de transporte utilizado para o trabalho (carroça, ao menos na década de 1950) servia para o lazer. Esses eventos tinham grande notoriedade na mídia: há registros de divulgação em jornais como o *Diário Popular*, e na Rádio Cultura de Pelotas, que tinha sua programação matinal voltada para a colônia, segundo Bach (2009).

Percebe-se, portanto, a significativa importância atribuída a esses espaços de sociabilidade. Especialmente entre as décadas de 1950 e 1970, período de apogeu das fábricas de compotas artesanais, os bailes referentes às festas de escolha da Rainha da Colônia e Rainha do Pêssego tinham um público muito expressivo e a presença de autoridades (Figura 8).





**Figura 35 - Fotografia da festa de coroação da Rainha da Colônia, Diva Bauer (1960) -  
Fonte: acervo Alcir Bach**

Em pesquisa exploratória com o objetivo de identificar os salões de baile, muitos deles foram localizados através de indicações de moradores da região entre os quais muitos eram freqüentadores os salões de baile.

Nessa pesquisa, optou-se por localizar os salões que se encontram na região rural colonial atual do município de Pelotas, excluídas as áreas que à época pertenciam a Pelotas e hoje constituem os municípios de Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu. O mapa a seguir (Figura 9) apresenta a divisão distrital do município de Pelotas. Este mapa dá destaque à localidade de Rincão da Cruz, portanto também serve como ilustrativo do caminho que vamos seguir para apresentar alguns dos prédios dos salões que foram registrados nessa pesquisa.

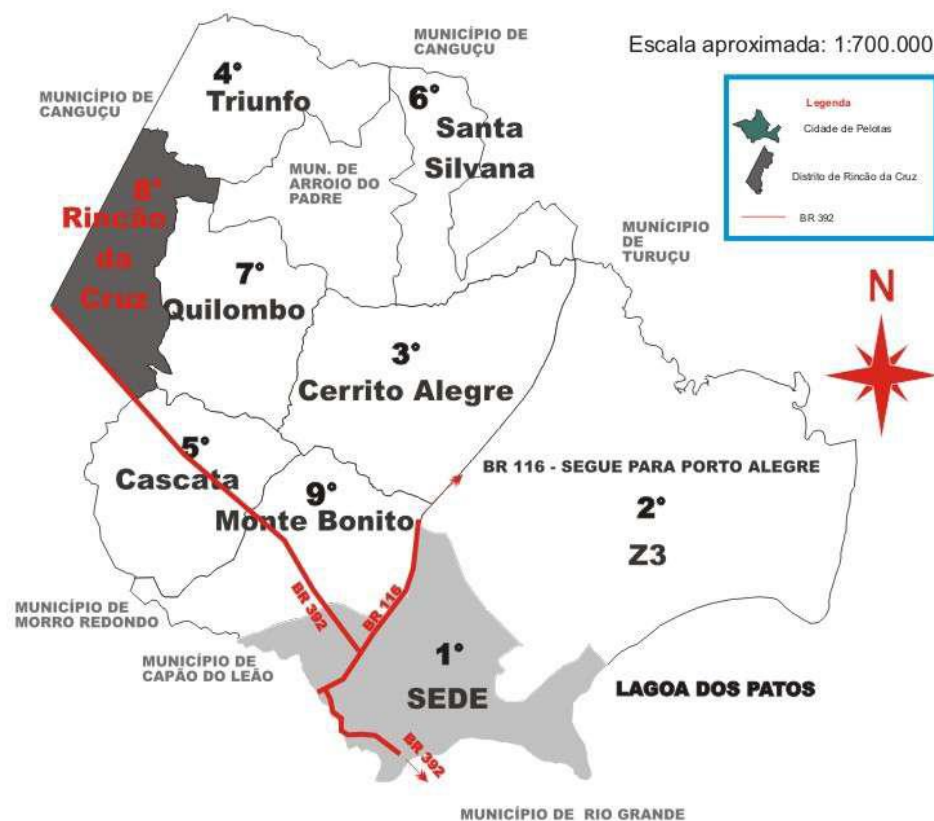


Figura 36 - Mapa divisão distrital Pelotas (RS) - Fonte: Panis, 2008

Das indicações que obtivemos, algumas foram feitas por moradores da colônia, outras foram encontradas em publicações de pesquisadores que abordam a colônia como tema de pesquisa, e outras ainda no próprio mapa disponível no sítio da prefeitura de Pelotas na internet, que apresenta o plano diretor da cidade<sup>16</sup> – já que nesse mapa consta em legenda, na categoria “lazer”, alguns salões de baile que estão em funcionamento atualmente. Elaboramos então a seguinte tabela, no intuito de situar os salões em suas respectivas localidades, bem como dar visibilidade à variedade de salões a que nos referimos.

<sup>16</sup> A elaboração III Plano Diretor da cidade teve início no não de 2004, conforme o que consta no sítio da prefeitura de Pelotas. Disponível em: [http://www.pelotas.com.br/politica\\_urbana\\_ambiental/planejamento\\_urbano/III\\_plano\\_diretor/plano\\_dir\\_eitor/\\_introducao.htm](http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/plano_dir_eitor/_introducao.htm) (Acesso em agosto de 2012)

<b>Relação Salões/Comunidades (na atual divisão distrital)</b>		
<b>Distrito</b>	<b>Localidade</b>	<b>Salões</b>
<b>3º distrito: Cerrito Alegre</b>		
<b>4º distrito: Triunfo</b>	Colônia Municipal	Arco-íris* Beerhaus*
	Colônia São Francisco	Grafitti*
<b>5º distrito: Cascata</b>	Ponte Cordeiro de Farias	Natale Brasil Centenário
	Cascata	Antério Krause
	Santa Eulália	João Schaun Casa Blanca*
<b>6º distrito: Santa Silvana</b>	Colônia Ritter	Peter Big House*
<b>7º distrito: Quilombo</b>	Colônia Municipal	Gruppelli A. Kohls
	Bachini	Bachini Luiz Aldrighi
	Santa Áurea	Bosembecker
	Vila Nova	Valter Carnal
<b>8º distrito: Rincão da Cruz</b>	Maciel	João Casarin Vidal
	Rincão da Cruz	Ales Blau* Night CLub*
	São Manoel	Mayer
	Santa Eulália	João Schaun
<b>9º distrito: Monte Bonito</b>	Monte Bonito	Aldrighi

\* Salões que foram apontados no mapa do Plano Diretor da cidade de Pelotas e, supostamente, ainda funcionamento à época das pesquisas direcionadas à elaboração do III Plano Diretor, em 2004.

**Tabela 4 - Relação dos salões de baile, de acordo com sua localidade**

É importante destacar que, essa lista é aqui descrita e apresenta um levantamento, que visa a apresentar um panorama, assinalando uma amostra dos salões de baile, apontados pelos depoimentos orais, dados oficiais da prefeitura e outros estudos. Para essa pesquisa, como já mencionado anteriormente, trabalharemos com apenas alguns desses, pois utilizamos como critério o patrimônio cultural da cidade de Pelotas, excluindo, portanto, aquelas localidades que não fazem parte da atual zona rural do município.

Além disso, é importante deixar claro aqui, que a cada saída de campo, entrevista, conversas informais com moradores locais, e até mesmo a leitura de textos publicados por autores locais, novos locais eram apontados como salões de baile, em diferentes localidades. Essa tabela, portanto, não representa a totalidade dos salões de baile. Alguns salões foram marcados nessa tabela para destacar o fato de estarem presentes no mapa mais atual da divisão distrital da cidade de Pelotas. Eles têm destaque nessa tabela por um motivo: para mostrar uma das diferenças que existem entre os bailes que ficaram na memória, ou seja, aqueles que não estão mais em atividade, mas que em outros tempos reuniram grande público, e os bailes como se apresentam na atualidade. Aqui já fica claro que estes últimos possuem denominação diferente daqueles. Os salões que estão em atividade atualmente, trazem outras influências, como por exemplo os nomes em inglês (que é o caso do “*Peter Big House*” e “*Night Club*”). Por sua vez, os salões mais antigos costumavam levar o nome de seus proprietários, como bem coloca Thies (2008, p. 115), em sua análise de diários de agricultores da colônia de Pelotas, escritos na década de 1970:

Para se entender o contexto rural de lazer que aparece nos diários, é necessário compreender que nas colônias da zona rural de Pelotas há salões de baile que levam o nome do proprietário, como o salão de baile do Sr. Edmundo Bosembecker e do Sr. Vidal Batista. Ainda, há os times de futebol que levam o nome das localidades onde ficam situados os campos/estádios, como é o caso dos times “Vila Nova”, “Bachini”, “Santa Helena”, entre outros.

Optamos, por percorrer o caminho que faz parte do já mencionado Circuito de Museus Étnicos. O ponto de partida para esta pesquisa é região conhecida como Colônia Maciel (8º distrito – Rincão da Cruz), considerando que nosso acesso até essa localidade se inicia através da BR-392 (Figura 2).

Nessa localidade se encontra a casa do senhor João Casarin, bem como o prédio de sua antiga fábrica de compotas de pêssago (Figura 10), a qual teve o início de suas atividades em 1961, comprando pêssagos de produtores da região, e chegou a ter cerca de 60 funcionários. No período em que a fábrica permanecia fechada, adaptava as instalações para a realização de bailes durante o ano (BACH, 2009).



**Figura 37 - Vista prédio antiga fábrica e a casa (ao lado, na cor azul) de João Casarin (7º distrito, Rincão da Cruz) – Colônia Maciel - Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/15657561>**

Atualmente, o prédio se encontra fechado e, eventualmente, são realizadas festas de familiares. É necessário ressaltar as diferenças entre os distintos momentos de realização de festas nesse mesmo espaço. Conforme mencionado, durante o período entre safras eram realizados alguns festejos no espaço da fábrica. Após o fechamento da mesma, no mesmo espaço passou-se a realizar bailes, onde era cobrada a entrada e vendidas bebida e comida, ou seja, os bailes foram uma alternativa de comércio para a família. Ultimamente, o salão é ocasionalmente emprestado para a realização de festejos, como casamentos ou festas de aniversário. Mais adiante, neste capítulo, iremos descrever de forma mais aprofundada as especificidades do salão do senhor João Casarin.

No caminho que leva da Colônia Maciel à Colônia São Manoel, ainda no 8º distrito (Rincão da Cruz), encontramos o antigo Salão dos Mayer (Figura 11), que se encontra inativo nos dias de hoje<sup>17</sup>. Referências sobre esse salão são encontradas na bibliografia recente sobre a colônia Maciel. Peixoto (2003), ao analisar as narrativas realizadas para a constituição do Museu da Maciel, ressalta para a

---

<sup>17</sup> Devemos considerar, no entanto, que nos momentos finais de elaboração deste trabalho, tivemos a informação de que estão sendo feitas obras para a sua reativação.



importância dada aos salões de baile nos relatos. Num desses o entrevistado menciona:

Para dançar, havia salão de baile. A primeira vez que fui a um baile, eu tinha vinte anos. [...] Depois apareceu um ali na Maciel. Tinha todo tipo de música, italiana, alemã. Vinha tocar um conjunto de alemães do Morro Redondo. Havia o salão do Joaquim Mayer e o do João, todos de origem alemã. [...] O Gruppelli também tinha um salão. Com o tempo, foram aparecendo outros, como um aqui no Rincão da Caneleira. (Entrevista com Cesário Zanetti, realizada em 20/05/2000, fonte: PEIXOTO, 2003)

Ainda sobre o mesmo salão, temos o relato da senhora Delcira Tessmer, filha do proprietário do mesmo, em depoimento concedido também para a constituição do Museu da Maciel, em junho de 2005. Em sua narrativa, senhora Delcira lembra-se de como era a casa quando seus pais se casaram, e que aos poucos foram aumentando, para construir o salão. Além disso, ela afirma que realizavam um baile por mês, além das festas maiores como Natal, Páscoa, Ano-Novo, bem como outras festividades em feriados durante o ano, e baile de carnaval.



**Figura 38 - Salão dos Mayer (atual propriedade de Delcira Tessmer) – Colônia São Manoel (8º distrito – Rincão da Cruz) - Fonte: Foto da autora, 2011.**

Seguindo em direção à Colônia Municipal (7º distrito - Quilombo), podemos encontrar o Restaurante Gruppelli, onde, no mesmo espaço, realizavam-se e realizam-se bailes e festas. Encontra-se em atividade até os dias atuais. No mesmo local estão em atividade, hoje, o armazém, o restaurante e a casa da família Gruppelli (Figura 12). Além disso, no prédio ao lado, a família instalou o museu, que atualmente é administrado em parceria com a Universidade Federal de Pelotas.



**Figura 39 - Fachada Restaurante e Armazém Gruppelli – Colônia Municipal (4º distrito - Triunfo) – Fonte: VIEIRA, 2009**

Ao analisar uma imagem da década de 1960 (Figura 13), de parte da vista interna do salão Gruppelli, Vieira (2009) aponta que pouco ou nada deste espaço lembra o restaurante atual, revelando a transformação no espaço.

(...) além das paredes e aberturas contidas nesse ângulo fotográfico, nada mais permaneceu no ambiente. O piso de madeira claro foi trocado por ladrilho cerâmico, certamente, influenciado pela Cerâmica Bella Gres; os retratos, que ninguém mais se lembra de quem eram, desapareceram; e o banco virou peça do acervo do Museu Gruppelli. (VIEIRA, 2009, p. 221)



**Figura 40 - Fotografia mostra vista interna do salão Gruppelli (1966) - Fonte: Vieira (2008)**

Seguindo o caminho da estrada do quilombo, vamos em direção à “colônia francesa”. Próximo à localidade “Alto do Caixão”, encontramos o antigo salão de Alfredo Kohls (Figura 14), pai de senhora Norma Gruppelli, atual proprietária do Restaurante Gruppelli. O salão ficava ao lado do armazém da família da senhora Norma, o qual, segundo a ela, “tinha de tudo”, se referindo ao que era vendido no armazém. O salão, atualmente, encontra-se fechado. Em 1957 o salão já estava em atividade, relembra senhora Norma: “(...) já trabalhávamos, tinha baile, porque meus 15 anos foi ali, eu me lembro muito bem...”<sup>18</sup>. Nos bailes, eles tinham copa, serviam bebidas, e bolo em pedaços, cachorro-quente, no entanto, não tinha espaço para fazer café, como em outros bailes da região. Os bailes começavam cedo, lembra senhora Norma, cerca de nove horas da noite. O salão era frequentado pela vizinhança, na sua época. A depoente lembra também do quanto era trabalhosa a realização desses bailes. A maioria dos que trabalhavam no salão eram da família, segundo ela, e tinham também além de uma empregada.

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Dona Norma Gruppelli, em julho de 2011.





**Figura 41 - Prédio do antigo salão Alfredo Kohls - Colônia Municipal (7º distrito – Quilombo – Fonte: Foto da autora, 2011.**

Pelo mesmo caminho, mais adiante, chega-se à localidade chamada Bachini (na região conhecida como “colônia francesa”, conforme mencionado anteriormente). Ali está localizado o antigo salão e hospedaria Bachini, que ainda hoje se mantém em atividade promovendo bailes e outras festas em datas comemorativas, que são divulgadas nas redes sociais<sup>19</sup>.

Por volta de 1910, O salão passou a ser sede da Sociedade Bailante União Camponesa (fundada em 1902). Uma das festas memoráveis é a de comemoração dos 50 anos da Sociedade, ocasião em que também foi realizada a coroação da Rainha da Colônia, Maria Ivone Ribes (Figura 15), filha de um dos diretores da instituição, na época, o senhor Lino Ribes, que também era o orador oficial da sociedade.

---

<sup>19</sup> O atual proprietário do salão comprou da família Bachini, e mantém um perfil na rede social *Facebook*, onde faz a divulgação dos seus eventos.



**Figura 42 - Fotografia da Coroação Maria Ivone Ribes no salão Bachini, na comemoração dos 50 anos da Sociedade Bailante União Camponesa - Fonte: acervo Alcir Bach**

A importância dada a essa data é refletida em nota publicada no jornal *Diário Popular*, onde se faz o convite à comunidade para o evento:

*“Comemora-se hoje o 55º aniversário da Sociedade união Camponesa – 7º dist.*

*Conforme antecipamos, a Sociedade B. União Camponesa, fundada em 1902, comemora, hoje, seu 55º aniversário. Essa tradicional e conceituada entidade, que reúne em seu seio a sociedade do 7º distrito – Colônia Santo Antônio, bem assim de outros pontos do interior do Município, tem sua sede na propriedade do sr. Claudemiro Bachini.*

*Por motivo do transcurso desta expressiva data, fará realizar a S.B.U.C., á noite de hoje, um grande baile, para o qual estão convidados seus sócios e exmas. familiares.*

*A festa, com certeza, constituirá mais um sucesso da União Camponesa, reafirmando, assim, o êxito sempre alcançado pelas realizações da veterana entidade.*

*A atual diretoria da SBUC está assim constituída: srs. Lino E. Ribes, Armindo Laufer, Nestor E. Crochemore, Valdemar Ribes, Artur Jouglard e João R. Schiller.” (Diário Popular, Suplemento Colonial, 27/abril/1957, s/p)*

Outro salão reconhecido nesta pesquisa foi o Salão Brasil, também desativado atualmente, localizado no 5º Distrito (Cascata). Em uma conversa prévia com o proprietário do local, senhor Otávio Beskow, verificou-se que ao lado havia uma fábrica, característica recorrente nestes locais. Segundo o mesmo, o prédio foi construído para funcionar como salão, e foi comprado por sua família na década de 60. Neste espaço foram realizadas muitas festas, como a Festa do Colono, Rainha da Colônia, entre outras. Esses bailes atraíam grande público, de acordo com Beskow, causando inclusive engarrafamento na estrada. Atualmente o prédio funciona como estacionamento de caminhões (Figura 16). Ainda se encontram detalhes da pintura do salão da época dos bailes, como, por exemplo, os nomes de grandes compositores de música clássica.



**Figura 43 - Prédio da antigo Salão Brasil (5º distrito - Cascata) – Fonte: Foto da autora, 2011.**

Ainda no 5º distrito, na localidade da Cascata, há também o Salão Antério Krause (também conhecido como Cascatense), que hoje se encontra inativo (Figura 17). De acordo com o neto do proprietário do salão, senhor Neri Renato Krause da



Cunha, os bailes se iniciavam no final da tarde e muitas vezes iam até o amanhecer. Além disso, lembrou que as noites de lua cheia, por serem mais iluminadas, ajudavam na locomoção do público para os bailes. Sabe-se, conforme o mesmo informante, que o prédio ainda pertence à família, mas se encontra fechado e fora de atividade.



**Figura 44 - Salão Antério Krause (Cascatense) - Fonte: Foto da autora, 2011.**

Neste capítulo apenas alguns dos salões da colônia foram referenciados, embora se saiba que são mais numerosos. Conforme dito anteriormente, essa pesquisa teve início considerando-se a atual região distrital do município de Pelotas, mas temos ciência de que, no período aqui estudado abrangia o território de outros municípios atuais, incluindo especialmente o município de Morro Redondo – já que este faz parte atualmente do já mencionado *Circuito de Museus Étnicos da Serra dos Tapes* –, e outros municípios, como Arroio do Padre e Capão do Leão.

### 3.2. Os salões de baile

Neste subcapítulo iremos discorrer sobre diferentes aspectos de dois salões de baile, de localidades distintas. O primeiro deles é o salão do senhor João Casarin, localizado na Vila Maciel, no 8º distrito (Rincão da Cruz). O outro é o salão Brasil, que pertenceu ao senhor Otávio Beskow, em diferentes momentos. Das entrevistas realizadas para essa pesquisa, destacaram-se aquelas com os antigos proprietários destes salões, já que eles apresentaram outros elementos junto aos depoimentos, como fotografias. No caso do senhor Otávio Beskow, contou-se também com a presença de sua esposa, Senhora Lori Beskow. O mesmo ocorreu na entrevista com o senhor João Casarin, com a presença de sua esposa, sra. Noêmia Casarin, que se prontificou a “guiar” uma visita pelo antigo salão.

Os salões aqui apresentados se destacam por dois motivos. Em primeiro lugar, porque ouvimos os relatos vindos dos próprios donos dos salões. Aqui podemos observar o ponto de vista do proprietário, como por exemplos, a frequência da realização de seus bailes, como trabalhavam, como se dava a distribuição dos espaços, etc. Além disso, os dois salões aqui referidos têm sua relação com o período de auge das fábricas de compotas, porém de forma distinta. Enquanto primeiro abre suas portas após o fechamento de sua fábrica de compotas de pêssago, ocasião em que o salão também serviu como alternativa econômica, o segundo aponta para as festas mais significativas no período em que a fábrica da família também estava no auge.

#### 3.2.1. Salão Brasil (Ponte Cordeiro de Farias, Cascata)

O salão Brasil, conforme dito anteriormente, tinha sua sede na localidade Cordeiro de Farias, situada do 5º distrito (Cascata). Seu proprietário, senhor Otávio Beskow, possuiu fábrica de compotas de pêssago na colônia (comprada em 1959) e trabalhou com seu sogro, Artur Schiller, na fábrica deste último. Sua fábrica também trabalhava “por comissão”<sup>20</sup> para outras fábricas da região. A casa, a fábrica e o salão ficavam muito próximos, estando o salão ao lado da residência da família. Atualmente, a casa e o prédio não são mais de sua propriedade. O prédio onde era

---

<sup>20</sup> Cf. BACH (2009), sobre o “trabalho por comissão”, pg. 56, 65, 66.

o salão hoje funciona como estacionamento de caminhões. No seu interior, ainda se encontram detalhes remanescentes da época dos bailes, como a pintura do salão, com nomes de grandes compositores de música clássica (Jan Sibelius e Eduar Grieg – figura 18)<sup>21</sup>, ou ainda a distribuição dos espaços, como a localização do bar.



**Figura 45 - Detalhe pintura interior Salão Brasil - Fonte: Foto da autora, 2011.**

O salão Brasil foi adquirido por senhor Otávio Beskow em 1960, e, segundo a senhora Lori Beskow (esposa do senhor Otávio), o salão foi comprado do segundo dono, sendo que o prédio já funcionava antes dessa data como salão. Embora a senhora Lori não conseguisse recordar a data exata do início das atividades do salão depois de comprado por sua família, ela recorda que na primeira festa que fizeram estava chovendo. Ela dá destaque a um baile em que se precedeu à festa de escolha da rainha da colônia em 1965, mostrando as fotos do evento, e apontando as personalidades nele presentes.

No salão Brasil foram realizados, entre tantos festejos, o baile de escolha da Rainha da Colônia, a Festa do Pêssego, ou a Festa do Colono. De acordo com Lori, as festas eram realizadas durante o dia, e o baile, à noite – e nunca no mesmo dia.

---

<sup>21</sup> Segundo o senhor Otávio, essas pinturas são referentes ao período que o salão foi vendido pela primeira vez, quando o novo proprietário fez várias reformas no espaço.

No baile, as candidatas à rainha desfilavam. No caso da escolha da Rainha da Colônia, as candidatas à rainha eram escolhidas por distrito, sendo que no baile elas desfilavam (Figura 19) e na festa (que ocorria durante o dia, num evento realizado do lado de fora das dependências do salão) a rainha era coroada (Figura 20).



**Figura 46 - Desfile das representantes distritais para a escolha da Rainha da Colônia (no interior do salão Brasil) em 1965 - Fonte: Acervo família Beskow.**



**Figura 47 - Festa de coroação da Rainha da Colônia (realizada em frente ao salão Brasil) em 1965 – Fonte: Acervo família Beskow**

A senhora Lori afirma que na época em que eles faziam os bailes, toda a família frequentava, “até os pequenos, porque naquela época essa coisa que tem

hoje, que menor não pode, essa coisa toda. Aquela época vinha, pai e mãe, avô, avó...”. As crianças ficavam junto com os pais, no colo, ou sentados no salão. Quando ficavam cansados, dormiam no “quarto das moças”, espaço onde as moças se arrumavam, iam se olhar no espelho, arrumar o penteado... Nesse quarto havia uma cama que era destinada para algum bebê, ou criança pequena, e sempre tinha alguém para cuidar daquele bebê (não necessariamente alguém da organização do baile, podendo ser as próprias mães ou parentes e amigos). Esse quarto fazia parte do próprio prédio do salão, mas era separado e fechado, com portas para a privacidade das moças. Nessa mesma época, não havia banheiros nos salões. Para irem ao banheiro, as pessoas tinham de sair para a rua, onde eles tinham as “casinhas”.

O público não se limitava aos moradores da colônia. Alguns ônibus vinham da cidade. A divulgação era dada através da Radio Cultura e também no *Diário Popular*. As notícias relativas às festas da colônia, de acordo com senhora Lori, saíam antes e depois do acontecimento.

Uma festividade, que se compõe da festa do colono e do bailes de escolha da Rainha da Colônia, em especial ficou marcada na memória da família que organizava os bailes, como se percebe pelos relatos e pela grande quantidade de registros fotográficos: o baile de escolha da Rainha da Colônia, de 1965 e a Festa do Colono.

Quando questionada sobre o porquê desse evento ter sido tão marcante, a senhora Lori aponta vários elementos. Em primeiro lugar, ela se refere ao clima. A mesma festa foi organizada no ano anterior e, no entanto, choveu muito, o que acabou estragando a festa. No ano de 1965, “fez um dia de verão”, como ela mesma afirma, e a divulgação foi muito bem feita, com bastante antecedência. Além disso, a senhora Lori atribui o sucesso à participação de personalidades destacadas, como políticos, entre eles o governador do estado da época, Ildo Meneghetti, e músicos reconhecidos nacionalmente, como Teixeira, presentes tanto na festa quanto no baile. O público, portanto, foi muito expressivo: de acordo com eles, aproximadamente 5 mil pessoas, na festa, esgotando o estoque de comida e bebida.

A senhora Lori, ao relatar o evento, busca a comparação com a festa fracassada do ano anterior, quase sem público, quando “ficou tudo”, ou seja,



sobraram os alimentos e bebidas. A festa era patrocinada por Geraldo Bertoldi, que revendia carros “Ford”. O empresário investia em festas na colônia e fazia sua publicidade (Figura 21). Era o casal Bertoldi (Geraldo e Vanda) que organizava toda a festa, fazia a divulgação, decoração. Como recorda dona Lori, “nós só entrávamos com o trabalho local do salão... Alimentação, essas coisas assim...”.



**Figura 48 - Governador do Rio Grande do Sul e prefeito de Pelotas em solenidade na Festa do Colono (1965). Divulgação dos carros Ford vendidos por Bertoldi. - Fonte: acervo família Beskow.**

O salão Brasil foi vendido e readquirido pela família, por mais de uma vez. Venderam primeiramente para um engenheiro da cidade de Pelotas, que não teve muito sucesso com seus bailes, segundo senhor Otávio, porque

*“quis fazer coisa muito diferente, nem todo colono ele deixava entrar porque ia mal arrumado, quis fazer baile todos finais de semana, e às vezes domingo à tarde... Pagava orquestras caras aí para vir tocar, às vezes para dois, três pares...”.*

O salão acabou voltando para propriedade de senhor Otávio, pois houve falta de pagamento desse primeiro comprador. Continuaram fazendo alguns bailes e depois o salão foi vendido para o Clube Caixeiral, que tinha sua sede no centro urbano de Pelotas, e buscava fazer uma sede campestre no local.

Quando questionados sobre as causas que os motivaram a vender o espaço, o senhor Otávio diz que já estavam cansados. Senhora Lori completa:

*Aí também a coisa começou a mudar muito... Foi quando entrou justamente a era nova, a era moderna, o tal do Dancing Days<sup>22</sup> [...] no início foi muito bom, mas aí começou a entrar o modernismo e o pessoal da colônia não se adaptou muito, começaram a se retirar... E começou a vir muita gente de Pelotas, não aqueles que costumavam frequentar, começou a vir muita gente já que não fechava com o tipo das pessoas da colônia...*

Senhor Otávio ainda comenta que a falta de policiamento casou esse desgaste, e que atualmente é necessária a contratação de serviços particulares de segurança para que se tenha um controle sobre os conflitos que envolvem brigas no ambiente dos salões.

### 3.2.2. Salão do João Casarin (Vila Maciel, Rincão da Cruz)

O senhor João Casarin é descendente de imigrantes italianos e residente da Vila Maciel, lugar onde nasceu e cresceu. Neste lugar, o senhor João plantou pêssego, trabalhou em fábricas, onde aprendeu muito sobre compotas, o que o motivou a criar sua própria fábrica de compotas, em 1961, localizada ao lado de sua residência (Figura 22). Embora seu empreendimento tenha sido satisfatório por muitos anos, alguns fatores dificultavam sua continuidade, sendo um deles o fato de trabalharem por cerca de um mês com a safra, sendo que o restante do ano a fábrica ficava fora de atividade. Nesse período em que ficava fora de atividade produtiva, o proprietário adaptava suas instalações para a realização de bailes.

---

<sup>22</sup> Novela exibida na TV Globo, no ano de 1978. A depoente se refere à questão da substituição do estilo musical, introduzida pelas músicas de discoteca, como eram chamadas as músicas que tocavam na referida novela.



**Figura 49 - João Casarin em frente ao prédio da antiga fábrica (década de 1960) – Colônia Maciel (8º distrito – Rincão da Cruz) - Fonte: Bach, 2009.**

Além disso, exigências por parte do Ministério do Trabalho e da fiscalização sanitária difíceis de ser cumpridas pelo proprietário, somavam-se aos motivos que levaram ao fechamento da fábrica.

O Ministério do Trabalho fazia visitas freqüentes, exigindo o cumprimento da lei, o que o obrigou a fazer o registro dos trabalhadores. Outro problema era a fiscalização da saúde que exigia altura, forro e azulejo nas paredes. Disse que naquela época trabalhava-se mais ou menos um mês com a safra, o que dificultava um empreendimento daqueles, para ficar parado o resto do ano. Isso foi desgostando-o até que, quando as grandes fábricas se instalaram, muita gente desistiu da colônia. (Bach, 2009, p. 90)

Foi no ano em que sua fábrica parou com as atividades que o senhor João Casarin resolveu investir no espaço como salão de baile. Esta é uma memória fortemente marcada na lembrança do senhor João: ele informa o dia exato em que realizaram o primeiro baile, após reformas que melhoraram e adaptaram a estrutura física do prédio para essa função, realizado por ele: dia 28 de setembro de 1972. A partir de então começaram a fazer um baile por mês; de acordo com ele, sempre no primeiro sábado do mês.

Quando é questionado sobre o ano em que encerram as atividades do espaço como salão de baile, senhor João afirma que funcionou até o ano de 1985. Em seu depoimento, João atribui à falta de policiamento o término de suas atividades.

*[...] Depois tiraram o policiamento do baile. Começou a ficar muito bagunçado e achei melhor parar. [...] Naquele tempo antigo tinha o policiamento, vinham nos bailes...*<sup>23</sup>

A bagunça a que senhor João se refere, segundo ele, são as brigas, que eram frequentes nos bailes. Aqui se revela mais um caráter simbólico dos bailes: o das relações com o gênero. Quando se refere às brigas, afirma: “Mas Deus o livre! Essa *juntação* de homem aí... Isso dá briga da graúda...”<sup>24</sup>.

O senhor João Casarin era um “disciplinador”, conforme afirma um dos nossos depoentes, que também frequentou o baile. Quando frequentava o baile do senhor João, Breno Kaster (ex-morador da localidade de Santa Eulália, descendente de imigrantes alemães) era jovem e gostava de se reunir com os amigos para fazer “frege”, como ele mesmo diz. Ele conta que o senhor João andava pelo salão conferindo se estava tudo em ordem, se estavam bagunçando demais. Quando viam a cabeça do senhor João se aproximar – já que este possui estatura alta – um amigo avisava o outro, dizendo “Lá vem o seu João”, e passavam a melhorar o comportamento. O depoente diz que os bailes eram muito bons e que nunca presenciou nem participou de briga. Quando foi questionado sobre o que era que o senhor João desaprovava, ele ri meio envergonhado, dizendo que “não podia apertar muito as gurias”.

Senhor João diz não ter feito nenhum baile de escolha da Rainha da Colônia em seu, mas realizou algumas festas temáticas, como festa da uva e da melancia. Ambas aconteciam no mês de fevereiro, e o depoente afirma que as frutas, nessas festas, eram distribuídas gratuitamente.

O espaço do salão, portanto, não era utilizado apenas para fazer os bailes. Outros tipos de festa foram realizados nesse salão, como casamentos, baile de

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida em julho de 2012

<sup>24</sup> Idem ao 8

debutantes, festas de aniversário, e até mesmo formatura de uma turma da escola São José (localizada na cidade de Pelotas), conforme lembrou dona Noêmia, esposa do senhor João. Embora tenha afirmado que atualmente o espaço está mais para galpão do que para salão, ainda assim continuam utilizando para realização de algumas festas de aniversário, por exemplo. No dia em que foi realizada a entrevista, o depoente afirmou que o aniversário de seu neto havia sido comemorado ali, dias antes.

Segundo senhor João, frequentavam o baile o pessoal da colônia, mas vinham também ônibus de Pelotas, de Canguçu e Morro Redondo. De Pelotas, chegou a ter época em que vinham dois ou três ônibus para a colônia, para levar aos bailes. No baile, o café era servido durante toda a noite. Tinha pão, cuca, galinha assada, distribuídos numa mesa grande, onde ficavam dispostas as xícaras e o bule. Ali os alimentos eram servidos, conforme a necessidade.

O salão encerrou suas atividades de organização de bailes em 1985, como dito acima. Senhor João atribui o término de seus bailes ao fato de terem tirado o policiamento da colônia, e os bailes começaram a ficar “bagunçados”, segundo ele. Tanto ele quanto sua esposa demonstram preocupação e indignação em relação à falta de segurança que dizem existir nos bailes de hoje.

## CAPÍTULO 4 – Os bailes: patrimônio e memória

Considerando o que já foi apresentado nesse trabalho, buscamos realizar o movimento que propõe José Reginaldo Gonçalves (2005), explorar o potencial analítico da categoria “patrimônio” no entendimento da vida social e cultural de determinada comunidade, nesse caso a região reconhecida como colônia de Pelotas. Cabe lembrar aqui, portanto, o que o autor diz acerca da materialidade do patrimônio. De acordo com Gonçalves, o patrimônio foi e é material, e tanto o é que foi preciso criar a categoria “imaterial” para designar modalidade de patrimônio que não teriam definição convencional limitada a “monumentos, prédios, espaços urbanos, objetos, etc.” (p. 21). Para o autor, conforme dito anteriormente, é curioso classificar bens tangíveis como festas, alimentos, e espetáculos como “intangíveis”. Partindo dessa linha o autor explica:

É possível que a categoria do patrimônio, tal como a estamos explorando, sublinhe, entre outras, essa dimensão material da vida social e cultural. E, ao lado dessa dimensão material, é preciso assinalar a dimensão fisiológica, ou mais precisamente, o uso de técnicas corporais. Objetos sempre implicam usos determinados do corpo. Afinal, pergunta Marcel Mauss: o que é um objeto se ele não é manuseado? Objetos materiais e técnicas corporais, por sua vez, não precisam ser necessariamente entendidos como simples “suportes” da vida social e cultural (como tendem a ser concebidos em boa parte da produção antropológica). Mas podem ser pensados, em sua forma e materialidade, como a própria substância dessa vida social e cultural. (GONÇALVES, 2005, p. 22)

Nesse sentido, Gonçalves entende o patrimônio como parte e extensão da experiência e, portanto, do corpo; um patrimônio inseparável do corpo e suas técnicas, compreendendo, assim que os objetos ao mesmo tempo simultaneamente representam e constituem.

A seguir apresentamos análises feitas a partir das representações sociais reveladas através da memória em torno dos salões de baile. Primeiramente, prestaremos atenção em como os relatos nos reportam a representação da histórica dos salões, por meio de uma cronologia mental; num segundo momento, nos dedicaremos a identificar e interpretar a representação, na memória, das relações de gênero e dos contatos interétnicos que se davam no espaço do baile.

#### 4.1 A representação da história dos bailes da colônia na memória

Neste momento do trabalho, buscamos apresentar uma espécie de cronologia dos salões de baile, ainda que saibamos não se tratar de tarefa fácil. Isso porque esses salões, em sua maioria, não possuíam registro legal. Essa falta de registro formal é proporcionalmente maior à medida que recuamos no tempo. A maior parte das informações que se tem desses bailes, portanto, provém da memória, de depoimentos de pessoas que lembram o que viveram ou lembram o que seus antepassados contavam – tanto nos depoimentos coletados por nós quanto por outros pesquisadores já aqui referenciados. Não temos, portanto, a intenção de fixar datas, mas sim marcos. No que concerne à memória, cabe aqui ressaltar o que coloca Cláudia Cerqueira do Rosario (2002),

Não nos lembramos de tudo, nem pessoal nem coletivamente. Lembramos aquilo que tem significado, aquilo que é importante. Assim, vivemos entre a memória e o esquecimento, talvez porque vivamos entre o ser e o não ser mais. Certamente precisamos de ambos para viver. A memória nos faz lembrar de quem somos e o que nos faz querer ir a algum lugar.

Também temos como fonte de análise para esse fim (a cronologia) a preservação de muitos dos prédios onde funcionaram bailes, ainda que estejam fora de atividade. Não se pretende aqui, fazer uma análise aprofundada de sua arquitetura, e datações que representem determinado tipo de construção. Até porque, nem todos os salões de baile foram construídos para tal, mas acabaram por se transformar, como vimos no caso do salão do senhor João Casarin. Já no antigo salão Antério Krause, também conhecido como “Cascatente”, temos uma evidência sobre a construção do prédio que pode ser associada ao relato de um dos descendentes do fundador do salão, que afirmava ter sido o prédio construído com esse propósito (Figura 23).



**Figura 50 - Detalhe do prédio salão Cascatense - Fonte: Foto da autora, 2011.**

Embora não tenhamos obtido maiores informações sobre o salão Cascatense, que comprovasse essa informação de que o prédio teria sido construído com o intuito de ser salão de baile, sabemos que não era necessária a construção de um prédio para que os bailes ocorressem na colônia. No depoimento da senhora Gema Voltan Zanetti Kurtz para a equipe do Museu da Maciel, há uma afirmativa que indica que a realização dos bailes na colônia pode ser atribuída a períodos bem recuados, já que a depoente é neta de imigrantes italianos e conta que sua mãe e sua avó se divertiam nos bailes. Para a realização dos bailes, a senhora Gema Kurtz afirma que no tempo de sua mãe faziam os bailes sem luz, usavam lampiões à base de querosene. Quando é perguntada sobre a música desses bailes do tempo de sua mãe, ela afirma que era a tocada a gaita e que, “(...) se tinha uma gaita já fazia um baile” (Gema Voltan Zanetti Kurtz, 2000, acervo do Museu Etnográfico da Colônia Maciel).

Como já foi dito anteriormente, temos dados também da ampliação da construção da antiga casa de Hermógenes Gruppelli, em 1925, para que esta abrigasse também um armazém e um restaurante. O espaço, segundo Vieira (2008), de amplas dimensões também servia como salão de baile. Nesse salão, dos Gruppelli, temos registros de que ocorriam também festas à fantasia. De acordo com



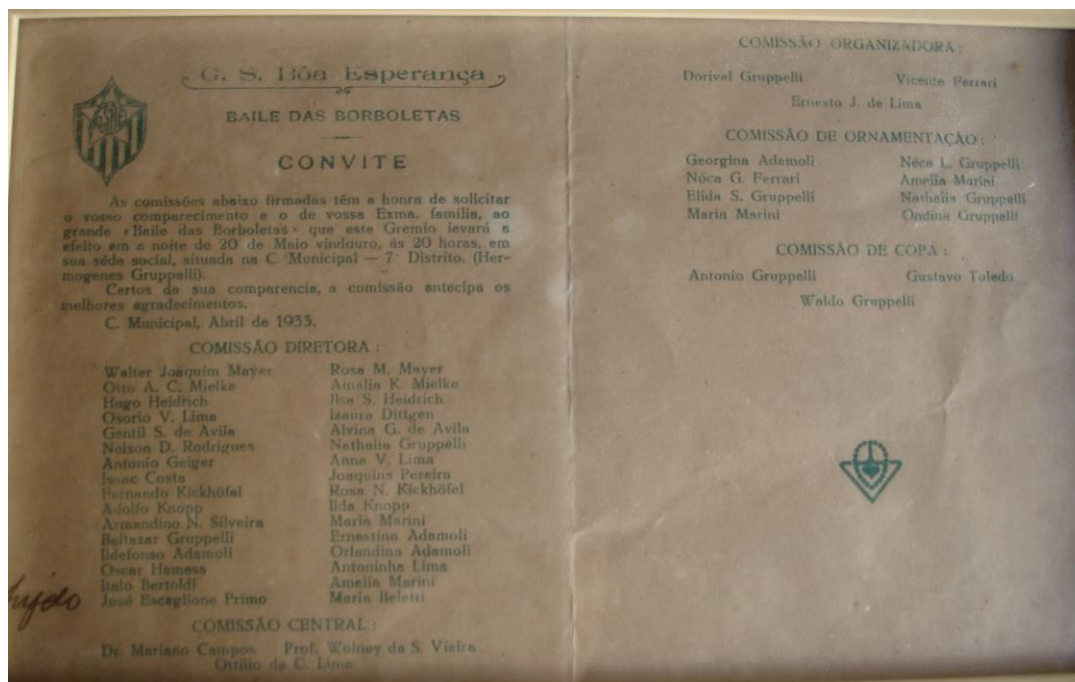
Vieira (2008), a preparação para esses bailes começava ainda de dia, e a luz do sol permitia passeios ao ar livre e fotografias (Figura 24), como essas que são apresentadas em seu trabalho e remontam à década de 1930.



**Figura 51 - Preparativos para o baile a fantasia - Fonte: Vieira, 2008.**

Nessa época, a divulgação dos bailes era local, realizada através de convites. Em visita ao Restaurante Gruppelli, bem como ao museu Gruppelli, em conversas com a senhora Norma Gruppelli, a mesma nos mostrou um convite de baile (que hoje está emoldurado), realizado no salão Gruppelli, intitulado “Baile das Borboletas” (Figura 52), promovido pelo Grêmio Sportivo Esperança, em 1933. O mesmo traz a seguinte inscrição:

*“G. S. Boa Esperança  
Baile das Borboletas  
CONVITE  
As comunidades abaixo firmadas têm a honra de solicitar o vosso comparecimento e o de vossa Etma. Família, ao grande “Bailes das Borboletas” que este Gremio levará a efeito em a noite de 20 de maio vindouro, às 20 horas, em sua sede social, situada na C. Municipal – 7º distrito (Hermogenes Gruppelli).  
Certos de sua comparencia, a comissão antecipa os melhores agradecimentos.  
C. Municipal, Abril de 1933. [...]”*



**Figura 53 - Convite "Baile da Borboletas" no salão Gruppelli. Fonte: acervo da família Gruppelli.**

A divulgação dos bailes se dava, portanto, no que se refere à esse período, no “boca-a-boca”, ou através de cartazes e convites.

A construção da estrada de ferro<sup>25</sup>, na década de 1940, que ligava Pelotas à cidade de Canguçu foi um episódio marcante na memória dos que o presenciaram. Muitos relatos que compõem o acervo do Museu da Maciel apresentam menção ao episódio e, na maioria dos casos, referem-se às brigas que aconteciam entre os moradores da colônia e os trabalhadores que vinham de outras regiões para trabalhar na construção da estrada. Essas brigas irão se estender aos espaços de convívio social, como os bailes. Na entrevista realizada com os irmãos Ariano e Natal Rodeghiero fica evidente que as razões que impulsionavam essas brigas eram as diferenças étnicas:

Ariano: (...) E a noite baile, então na época da construção da estrada ferroviária para Canguçu, então não havia baile lá que não tivesse briga, mas mais provocada pelos funcionários da ferrovia, não era pelos italianos, aquelas brigas, não é Natal?

<sup>25</sup> Sobre histórico da construção da estrada de ferro Cf. Gehrke, C. Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS: representações do cotidiano... Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), 2013.

A esse questionamento, Natal responde que os nortistas eram vistos como maus elementos pelos moradores da região.

Os conflitos étnicos são especialmente marcados na década de 1940, momento em que se deu a Segunda Guerra Mundial e, no Brasil, conforme já dito anteriormente, a proibição de manifestações culturais associados ao Eixo (alemães, italianos, japoneses) por parte do Estado Novo nacionalista de Getúlio Vargas. Há relatos que envolvem essa “perseguição” no ambiente dos bailes. O senhor Carlito Blas conta a história do dia em que hastearam a bandeira nacional no salão de Joaquim Mayer, que era de origem alemã, na tentativa de acabar com um conflito:

(...) Lembro uma vez que eles queriam largar dinamite no salão do Joaquim Mayer, era numa dança de comunidade e foram uma turma, não sei, eu acho que foi na época também da guerra, o fim da guerra, uma coisa assim. O Joaquim Mayer também era de origem alemã e tinha alguns que tinham raiva e naquele tempo vocês sabem... Hoje entra branco, entra negro, naquele tempo não, quem era moreno não entrava em baile de branco e o Joaquim andou meio que proibindo os morenos de entrar foi então, que veio uma turma, mandaram os morenos na frente pra ver se deixavam entrar e os outros ficaram esperando com dinamite. Mas aí hasteou a bandeira brasileira, mas deu uma confusão geral. Mas não chegaram a jogar a dinamite.

A partir da década de 1950, a prosperidade econômica relacionada à proliferação de fábricas de compotas vai ser um dos fatores que irá dar mais visibilidade aos eventos ocorridos na colônia, fazendo com que os bailes sejam divulgados nos jornais da cidade, como o *Diário Popular*. De acordo com Bach (2009), o colunista Elias Bainy apresentava os acontecimentos da colônia semanalmente no jornal *Diário Popular*. Além disso, o mesmo autor ainda afirma que a Radio Cultura de Pelotas, tinha programação da manhã voltada integralmente para a colônia.

A pesquisa realizada no acervo de jornais, mais especificamente o jornal *Diário Popular*, da Bibliotheca Pública Pelotense, em busca das referências à colônia de Pelotas – baseada em informações retiradas do trabalho de Bach (2009) –, vimos que esses momentos de maior visibilidade podem estar diretamente relacionados ao período que Bach considera ser o “apogeu” econômico ligado às fábricas de compotas. O “Suplemento Colonial”, caderno especial, publicado semanalmente

para dar notícias referentes à colônia de Pelotas, tem sua primeira referência em janeiro de 1957. Além da divulgação de eventos, também apontavam para os ônibus que deveriam sair da cidade, levando o público para a colônia:

*“Salão Cascatense De Antero Krause*

*Ponto de reunião da sociedade da Cascata e zonas visinhas [sic] do interior do Município*

*GRANDE BAILE, HOJE – Sairá ônibus da Est. Rodoviária, às 20 horas.*<sup>26</sup>

Ao início dessa pesquisa, percebeu-se que havia uma relação desses salões de baile com o trabalho das fábricas artesanais que já referenciadas, estudadas por Bach (2009). Inicialmente, acreditava-se, portanto, que o fechamento dos salões coincidia com o das fábricas. No entanto, pode-se dizer que isso não se deu de maneira tão direta. Ainda que, no período de apogeu das fábricas artesanais, os salões tenham registrado as maiores festas referentes à Rainha da Colônia ou Rainha do Pêssego, os motivos que levaram ao fechamento de muitos bailes se referem a outros elementos, que não só econômicos. E são nas narrativas sobre esses salões que esses elementos se revelam.

Uma das mudanças assinaladas nos depoimentos é a questão da “lei das cinco horas”, apontada tanto por senhora Lori Beskow quanto por senhor João Casarin. Quando falam dessa lei, se referem à Lei nº 3.857, de 1960, que cria a Ordem dos Músicos do Brasil e regulamenta o exercício de sua profissão. No que se refere à duração do trabalho, portanto, a referida lei coloca que este não pode exceder de cinco horas. Antes dessa imposição, portanto, os bailes podiam começar no final da tarde e se prolongavam até o sol raiar.

A mudança no estilo musical dos bailes também é apontada pelos entrevistados e indica uma ruptura que pode ter levado ao fechamento de alguns bailes e o surgimento de outros. Quando questionada sobre o estilo musical dos

---

<sup>26</sup> Diário Popular, Edição Especial da Cascata, Caderno “Vida Agrícola”, 13/abril/1957, s/p

bailes realizados no salão Brasil, Senhora Lori Beskow indica um marco que mudou o estilo musical da casa:

*(...) em [19]70, quando é que foi a inauguração da Dancing Days<sup>27</sup>? Foi um acontecimento na colônia porque o nosso salão foi o primeiro, foi junto com a novela... Quando apareceu a novela Dancing Days, foi implantado lá no nosso salão o globo, a luz negra, foi o primeiro salão da colônia... Era música ao vivo, mas já com... não é pop que se diz... Música de discoteca! Estavam entrando as músicas de discoteca...*

Como já referido no capítulo anterior, senhora Lori considera que, inicialmente essa experiência pareceu interessante, mas em seguida constataram que “o pessoal da colônia não se adaptou muito...”. As atividades do salão Brasil se encerram no início da década de 1980, pouco tempo após a adoção do novo estilo. A mudança de estilo musical e também a questão da substituição dos conjuntos por som reproduzido mecanicamente representam uma ruptura de um tipo de baile.

O termo “discoteca” geralmente aparece nas falas numa contraposição entre o que era no passado e hoje. Senhora Delcira Tessmer, quando se refere aos bailes no salão dos Mayer, explica da seguinte forma o estilo musical dos bailes da época em que o salão se encontrava em atividade: “A música não era discoteca, era assim uma gaita, piano (...), pandeiro, trombone, todas essas coisas (...).”

Senhora Noêmia, esposa do senhor João Casarin afirma que nessa troca é que fracassaram muitos salões. Tanto ela, quanto o senhor João, em diferentes momentos da narrativa lamentam o fim dos bailes: “Tudo se há terminado... Tudo... Essa vida tudo tem começo e tudo tem fim...”, diz sra. Noêmia. No entanto, quando reflete sobre a troca de estilo musical, ela afirma “Depois foram se acostumando e aí agora aceitam bem a discoteca...”.

Betemps (2009) traz em seu trabalho, através do depoimento de Maria Nilza Longchamp Guido, mais uma opinião sobre o término de um “tipo” de baile. De acordo com o autor, a depoente afirma que os bailes da Camponesa [Sociedade Bailante União Camponesa]; “teriam acabado talvez porque os velhos se acomodaram e os novos já não queriam mais aqueles tipos de baile, a jovem guarda veio para mudar isso.” (p. 107).

---

<sup>27</sup> Novela exibida na TV Globo, no ano de 1978.

Percebe-se, inicialmente, que as narrativas apontam para um tipo de baile que, à primeira vista, não existe mais. A maior parte dos depoentes ressalta as diferenças entre o que era e o que é hoje. De fato, a realização de um passeio pela colônia observando os prédios que compõem essa paisagem cultural, unida aos relatos, mostra a proliferação dos salões de baile por um determinado período e o seu conseqüente abandono e substituição por outros espaços e estilos. No entanto, cabe ressaltar que, embora exista uma certa nostalgia nas falas dos entrevistados que vivenciaram os “outros tempos” dos bailes da colônia, nossa pesquisa busca, ao contrário de dar um olhar saudosista em relação ao que foi no passado e deixou de ser a partir de certo momento, perceber suas mudanças como geradas pela própria dinâmica social que envolve os grupos que atuam na manifestação, sem perder de vista a unidade simbólica e ideológica do baile.

Quando nos questionamos sobre como eram os bailes antigamente, e passamos esse questionamento para os entrevistados, acabamos por receber essa informação em forma de comparação, o que nos leva ao conhecimento de como são os bailes num período mais atual. Em entrevista à equipe do museu da Maciel, senhor Udo Weber, quando lhe é perguntado sobre a localização dos bailes, responde da seguinte forma:

*Os bailes eram aqui na volta, no salão do Arco Íris, onde faziam um baile por mês e deu pra bola, não tinha mais baile outro baile... Nós íamos na Vila Maciel e lá já faziam mais bailes, agora passado o tempo, nós temos um, dois, quatro salões aqui na volta, não dá cinco quilômetros, aí todos os finais de semana não tem num tem noutro, todos fim de semana tem baile. Por isso é que existe tanta coisa... Futebol, todo fim de semana tem futebol, aí o pessoal se desprende de participar de uma missa, de ir na igreja, e outras atividade, já não se visitam mais como na época. Hoje a gurizada de 13 anos vai ao baile fumando, bebendo, namorando, naquela época não. Com 15, 16 anos, imagina quando nós fomos pro quartel o pai tinha que levar para fazer o alistamento lá, hoje, praticamente a criançada vai sozinha, até a cidade, já faz compras, vem de volta, conhece tudo.*

Ao lembrar dos bailes de sua época, senhor Udo narra regras sociais que, para ele, não existem mais. Ao passo que vai rememorando a quantidade de salões que havia e a frequência dos bailes – uma vez por mês, num período mais recuado e atualmente todos os finais de semana – o depoente revela o que não era visto, e ainda não é pelos mais velhos, de maneira positiva: jovens adolescentes que consomem bebidas alcoólicas e/ou fumam, namoram com pouca idade e, de acordo

com senhor Udo, possuem muita autonomia: vão até a cidade sem o acompanhamento dos pais, por exemplo.

#### 4.2 Representações sociais através dos relatos dos bailes

Como vimos anteriormente, existem representações sociais que se revelam através das narrativas feitas em relação aos bailes. No decorrer desse trabalho já assinalamos algumas dessas representações e aqui iremos explorar duas tipologias: a questão das relações de gênero masculino-femininas e os conflitos étnicos. A escolha dessas duas tipologias se dá pelo fato de se apresentarem com maior frequência nas falas: em praticamente todos depoimentos analisados, quando se fala em baile, comenta-se sobre as relações entre homens e mulheres, a formação de casais, e aspectos de divisão do trabalho dentro do salão, assim como sobre as relações entre as etnias, como por exemplo, quando se referem ao público frequentador dos salões de baile.

##### ***Relações masculino-femininas***

Um dos aspectos dos bailes é a formação de casais. Sabemos que o baile será, por muitos anos, um dos principais lugares de sociabilidade na colônia. Para os jovens, esse era o momento em que tinham a oportunidade de estarem mais próximos, de estabelecerem trocas de olhares e até de negociações implícitas em códigos simbólicos compartilhados pelos frequentadores dos bailes. O casal João e Noêmia Casarin se conheceu num salão de baile, que ambos frequentavam: o salão dos Mayer. Noêmia conta que vinha lá da Embrapa de ônibus para o baile na Maciel, lugar onde já morava o senhor João. O mesmo se deu com o casal Otávio e Lori Bescow, sendo que, neste caso, era o senhor Otávio que vinha de Cerrito Alegre para a Cascata, ao baile do Saalfed, onde encontrava a senhora Lori.

Numa das entrevistas realizadas para essa pesquisa, se falou muito dessas relações, da paquera, da troca de olhares, do namoro... Clésis Crochemore, que foi rainha da Colônia em 1967, falou da memória que tinha de criança, no quarto onde as moças se arrumavam e os pais deixavam os filhos pequenos, para dormir, enquanto dançavam no baile. Ela diz ter cerca de dois anos nessa época, mas

afirma guardar na memória algumas imagens desse tempo, em que via no quarto escuro um filete de luz através da porta, ouvia a música ao fundo e se sentia segura, pois sabia que seus pais dançavam atrás daquela porta. Lembra também que as moças frequentemente entravam no quarto pra se arrumar. Com um pouco mais de idade, já participava do baile, entrava e saía do quarto, quando ficava cansada e queria dormir... Caso não conseguisse, voltava para o baile. Com cerca de 10 anos, diz que já dançava com rapazes, mas reforça que sem conotação de namoro, tudo num tom de brincadeira...

Nessa época, quando criança, diz que frequentava o salão de Valter Carnal. Quando mais velha passou a frequentar o Bachini. A partir dos 15 anos, ela afirma ser como um “debut”, as moças já podiam ir aos bailes e flertar com os “guris”, como afirma Clésis. Ela se empolga ao relatar como se davam os convites para dançar, lembrando que as garotas não podiam recusar o convite dos rapazes. Segundo seu depoimento, era deselegante recusar o convite, já que o rapaz tinha a “coragem” de atravessar todo aquele salão para pedir uma concessão de dança. Para ela, isso era uma atitude “meio machista” já que a preocupação era em não ofender os homens. Havia as que recusavam, mas eram reprovadas pelas demais.

Quando questionada sobre as “paqueras”, ela começa falando sobre a troca de olhares. Os rapazes, para fazer um convite para dançar iam em direção à moça e fazia um sinal com a cabeça, que de acordo com Clésis significava “Vamos dançar?”. A frase não precisava ser dita, o gesto já estava subentendido. E as moças faziam o mesmo no “traval”, que era o momento do baile em que os papéis eram invertidos: as moças deveriam convidar os rapazes para dançar. Sobre esses sinais subentendidos, Clésis discorre

*Dava pra ver o interesse... Se começava a dançar muito... Por exemplo, se fosse dançar muitas vezes... Porque a gente, mesmo gostando do guri, tu não chegavas a ficar com ele... [...] Mesmo querendo ficar com ele... E se ele viesse mais uma, duas, três vezes e convidasse, convidasse... Bom, aí ele estava super interessado... Aí era uma pretendente de ficar “de par”, como diziam lá fora... Se acabava dançando três, quatro músicas, tá, então já estava ficando “de par”.... “De par” era ficar junto, um próximo do outro, sem se tocar! Parava a música e ficava parado, assim... E a gente não chegava nem a se falar, não sabia onde botar as mãos, assim... E ficava assim... E aí conversava um pouco e tal.. E loucos que comesse a música, porque aí a gente se distraía [...]*



Clésis diz que, na maioria dos casos, as mulheres em seguida casavam e “ficavam por lá”, querendo dizer que não saíam da colônia, para experimentar morar na cidade de Pelotas, que foi o que ela fez. Segundo Clésis, ela era “mais inquieta” e sentia a necessidade de conhecer outras realidades, o que a motivou a ir estudar em Pelotas. No entanto, afirma que essa escolha foi muito sofrida, pois se sentia dividida entre as duas culturas, como ela mesma afirma: “Eu sempre tinha um pé lá e outro cá”. Clésis afirma que sentia muita culpa por não querer morar na colônia, e por isso parou de estudar e voltou para a colônia para trabalhar com seu pai, na fábrica de compotas da família, mas depois de dois anos voltou a morar definitivamente em Pelotas.

Outro aspecto a se destacar na relação masculino-feminina é a divisão do trabalho no salão. Isso se revela, principalmente, nas narrativas dos que foram proprietários do salão. João e Norma Casarin, quando falam sobre o que era servido no café durante os bailes, discorrem sobre as diferenças do trabalho: além da Sra. Norma, a mãe do Sr. João preparava os pães, uma vizinha fazia as cucas. Sr. João, por sua vez, se ocupava das bebidas. Segundo ele, a copa era dos homens, a cozinha das mulheres. O casal proprietário do salão não necessariamente ficava trabalhando na cozinha ou na copa a noite inteira, mas ficavam circulando para verificar se estava tudo em ordem. Nesse momento, o trabalho da senhora Norma era o de verificar a limpeza, enquanto o senhor João zelava pela segurança do salão.

Essa divisão não era diferente em relação ao casal proprietário do salão Brasil. De acordo com Sr. Otávio e Sra. Lori, o público chegava para jantar no salão e de madrugada tomava café. Sr. Otávio demonstra orgulho em sua fala, quando discorre sobre o que era servido na janta e no café:

*(...) porco assado, pastel, galinha... Hoje é fácil fazer um baile, né, pega uma frigideira, um quilo de banha, e a massa, faz pastel toda a noite e toca a dança, o pessoal toma bebida nas copas ou nas mesas e tá terminado lá, não tem serviço... É fácil de fazer um baile hoje em dia... [...] Mas ela lá na frente do forno á lenha lá, pra botar vinte, trinta formas dentro do forno pra... Fazia pão, cuca, tudo, tudo...*

Quando foi questionado sobre quem trabalhava na cozinha, senhora Lori sorri e diz: “A cozinha sempre é da mulher, né...”. Para ajudá-la, eles contratavam outras mulheres da vizinhança. Dona Lori assim relata:

*Era um meio delas ganharem também algum dinheirinho [...] Se elas iam trabalhar uma noite de baile... Porque a mulher na colônia, naquela época não tinha ganho, né... Não tinha renda. Mas então quando era uma oportunidade dessas elas ficavam contentes*

Por sua vez, assim como o senhor João Casarin, senhor Otávio Beskow atentava para a segurança do seu baile. Por ter sido subprefeito durante dois mandatos, era mais respeitado, segundo relata senhora Lori: “Como ele trabalhava com a polícia e chamavam ele de capitão... Tinha um certo respeito por ele ... Então ele tava fazendo quase que um papel de um soldado também, de subdelegado...”. Senhor Otávio explica que teve, juntamente com a função de subprefeito, a incumbência de atuar como subdelegado. Esse cargo lhe foi conferido pela própria prefeitura de Pelotas, de acordo com o que relata senhor Otávio. Ele atuava juntamente com a Brigada Militar que, àquela época, residia na colônia. Senhor Otávio conduzia os policiais para fazer a segurança nos bailes.

Outro fator curioso diz respeito à participação das mulheres em conjuntos musicais. Embora essa pesquisa não tenha levantado com mais precisão os dados dos conjuntos que tocaram nos bailes da colônia, soubemos de diferentes fontes que a maior parte dos conjuntos é composto por homens. No entanto, tivemos acesso ao acervo fotográfico da sra. Nilza Saalfed por intermédio do professor Alcir Bach, o qual nos apresenta a seguinte fotografia:



**Figura 54 - Grupo de Gaiteras - Fonte: Acervo Nilza Saalfed Fouchy**

A fotografia é do ano de 1963 e mostra o grupo de gaiteras era composto somente por moças que tocavam, cantavam e dançavam em eventos variados da colônia.

### ***Relações inter-étnicas***

Outro elemento fortemente marcado nas narrativas em torno dos bailes da colônia são as relações inter-étnicas, que envolvem tanto boas relações, de amizade e convívio, quanto conflitos, que envolvem brigas e desentendimentos. Geralmente quando perguntamos sobre o público que frequentava os salões é que essas relações vão se revelar. Além disso, conforme já mencionado anteriormente, muitos fazem uma comparação entre a descrição dos bailes de antigamente e os bailes de hoje.

De acordo com Peixoto (2003), o contato inter-étnico ocorria em diversas situações da vida comunitária, envolvendo imigrantes e descendentes de alemães, italianos, franceses e lusobrasileiros. Quando nos voltamos para as narrativas,

percebemos semelhanças e diferenças quando se trata do assunto, ou seja, alguns afirmam existir o convívios entre italianos e franceses, por exemplo, enquanto outros afirmam que não havia essa convivência.

A senhora Inês Casarin, em entrevista para o Museu da Maciel, quando questionada sobre os bailes na Vila Maciel e a interação entre italianos, alemães e franceses, afirma que os franceses, por serem moradores da Vila Nova, não se misturavam com os moradores da Vila Maciel, segundo ela, devido às distâncias, “Há 50 anos passados, não tinha tanto auto, tanto carro...”. Devemos considerar que os relatos prestados ao Museu da Maciel se referem, principalmente, aos primeiros anos de imigração. Por isso que a senhora Inês ressalta a questão das distâncias.

Do mesmo modo, se referindo aos anos que se seguiram à imigração, Lino Ribes assim descreve a relação entre franceses e italianos, quando lhe foi questionado se participavam juntos de festas:

*Lino: (...) os franceses não eram muito caprichosos para a educação e para a sociedade. Faziam bailes aí nas casas mesmo, das famílias. E em 1902 então, os rapazes filhos de franceses organizaram uma sociedade de baile, era a Sociedade União Camponesa. Eram 4 bailes por ano, realizados na casa Bachini, e isso durou até agora, mil novecentos e sessenta.... e poucos. [...]*

*Entrevistador: E aí se reuniam franceses e italianos?*

*Lino: Não, só os franceses. Mas depois tinha algum italiano. Lá parece que eles também tinham sociedade. Aqui os italianos logo trataram de fazer uma capela. Não sei em que época foi, mas de certo, pouco depois que eles entraram lá. E aqui os franceses nunca se preocuparam muito de fazer capela. Vinha o padre da Maciel e fazia batizados e alguns poucos casamentos, lá no salão do Bachini.*

A única unanimidade que temos é que a relação entre todas as etnias de imigrantes e os afrodescendentes, quando se trata do baile, era conflituosa.

O depoimento da senhora Delcira Tessmer para o Museu da Maciel coloca isso de forma muito explícita. Ela afirma que seu pai, como já foi mencionado nesse trabalho, não gostava e não permitia que negros entrassem no seu salão. Quando a família Mayer alugou o salão, a entrada de negros começou a ser permitida, o que causou certa confusão. Assim relata Sra. Delcira:

*(...) antigamente não era assim. Não se misturava tanto os morenos como agora, né.... A gente não se misturava com os morenos. Quase não tinha morenos nos bailes. Agora sim. Depois foi misturando. Depois sim, quando esse Darci Bonow alugou, aí vinha de lá, não sei dá onde vinha.*

*Começaram a vir mais morenos. Lembro que meu pai queria colocar para fora. Não estavam acostumados, antigamente não vinha os morenos aqui, e nós dizíamos [para o pai] que agora não, que era assim. Já estava com idade avançada, já estava ficando meio esquecido das coisas, de tudo [...]*

Senhor João Casarin, quando questionado sobre o público que frequentava seus bailes, afirma que “vinha tudo que é raça aí...”. No entanto, quando se pergunta se os negros iam também, ele diz que não. E, de certa forma, atribui o fracasso dos bailes ao momento em que os negros começam a frequentar os bailes: “Nos últimos bailes eles estavam começando a vir já... E acho que foi isso muito que fracassou os bailes também...” Senhor João, que tinha muita preocupação com a ordem, atribui esse fracasso às brigas que se deram em consequência dessa e outras mudanças ocorridas na colônia.

Afirmamos que isso se dá quando tratamos dos bailes porque sabemos que quando se trata de trabalho, por exemplo, o conflito parecia não existir. Em sua pesquisa, Bach (2009) mostra, através do registro fotográfico, a convivência entre os trabalhadores de diversas etnias (Figura 55).



**Figura 56 - Fotografia fábrica João Casarin em atividade em 1971. Entre os trabalhadores, os afro-descendentes. – Fonte: Alcir (2009)**

Durante entrevista com Clésis Crochemore, foi utilizado um trecho de sua poesia, para buscar um entendimento sobre o público frequentador dos bailes:

*Muitas vezes,  
Pra não perder frutas,  
Seguia o trabalho com horas a mais,  
Até tarde, mesmo nos sábados.  
Noite de baile.  
Afobados, moços e moças  
Corriam a limpar as mãos com limão,  
  
Dar jeito que desse no penteado,  
Revisar a roupa  
E nem pensar em não ir.  
  
Azar do cansaço  
Pelas inúmeras horas em pé.  
Ainda havia alegria e disposição  
Pra dançar a noite inteira.<sup>28</sup>*

Quando eu pergunto se todos da fábrica iam ao baile Clésis afirma: “ia todo mundo”, ou seja, do pessoal que trabalhava nas fábricas, todo mundo ia pro baile, ressaltando que não se fazia diferença, nesse momento, do pessoal que era sócio da União Camponesa ou não. No decorrer da entrevista, quando o assunto das relações inter-étnicas entre alemães, italianos e franceses era abordado, afirma que existia integração, segundo ela, a preocupação dos pais era que os os(as) filho(a)s casassem com gente trabalhadora, honesta... Nos salões, portanto, essas etnias conviviam. No entanto, quando falamos sobre a falta de referência da presença dos negros nos salões Clésis afirma ser uma “coisa tácita”. E continua: “Eu não lembro de ter havido algum documento que dissesse que negro não entra. Nunca ouvi falar isso... Mas negro não ia nesses bailes...”. De acordo com Clésis, embora trabalhassem nas fábricas, não iam nos bailes que ela frequentava, mas tinha “os bailes deles.”. Quando diz que não havia documento que constasse que negros não poderia frequentar os bailes, Clésis expõe o que era implícito, na época. Não existia documentação que desse razão à proibição da entrada de negros, mas essa proibição era praticada, o que revela que a convivência com os afro-descendentes não se dava em todos os âmbitos, podiam conviver juntos no trabalho da fábrica, mas não nos bailes. Ainda assim, Clésis ressalta que os negros não frequentavam de um modo geral, porque lembra de um senhor que era negro e frequentava o salão Bachini, já que tinha boas relações com a família Bachini.

---

<sup>28</sup> Trecho extraído da poesia “Fábrica”, de Clésis Crochemore.

A incoerência em relação à convivência em alguns espaços e outros nos é apontada por Luis Antonio Casarin. Para ele, não tinha porque os “morenos” irem à missa com os brancos e não irem aos bailes. Ele relata que isso se dava somente em relação aos bailes: “os casamentos eram tudo meio misturado, nos bailes é que tinha aquela bobageira de não deixar entrar” Senhor Luis Casarin se posicionava contra a atitude de proibir a entrada de negros nos bailes: “Ficava com pena, era gente nossa, vivia junto, só no baile é que não podia ir...”.

A senhora Lori Beskow, por sua vez, afirma que todos frequentavam os bailes, mas em seguida faz a ressalva

*(...) só a única coisa que tinha, naquela época... Existia ainda uma certa resistência aos negros... Não entravam no salão...[...] Nem eles procuravam frequentar também [...] Em alguns casos, houve alguns casos que eles foram barrados, vamos dizer um que outro que quisesse entrar que foi barrado, aí então intervia a polícia, aquela coisa toda... Nós não chegamos a pegar essa época porque quando nós terminamos com o salão, logo depois já se tornou livre assim, não tinha mais esse problema...*

Muitos dos interlocutores afirmam essa proibição, outros dizem que eles mesmos (os afrodescendentes) não queriam frequentar esses bailes.. Eles tinham “os bailes deles”, afirma Clésis, embora não soubesse com exatidão a localização desses bailes. Os bailes de “morenos”, foram relatados por muitos interlocutores, tanto em pesquisa prévia, em conversas informais, quanto em alguns depoimentos orais analisados. De acordo com senhor Luis Casarin, existia um salão de baile que era de negros, localizado na Coxilha dos Campos (Canguçu), que ele mesmo frequentava. Além disso, afirma ter permitido a realização de um baile dos negros na sua propriedade. Ainda sobre bailes de “morenos”, temos o relato do senhor Otávio Beskow, que afirma que o senhor João Gottinari, na colônia São Manoel, realizava, uma vez por ano, no Natal ou Ano Novo, um baile para os negros, ou que a entrada desses era permitida.

Percebe-se também, nesses relatos, a recorrência da afirmativa que, em certo momento, já não se podia mais realizar essa proibição. Percebe-se que essa afirmativa se dá tanto de maneira positiva quanto negativa. Uns reconhecem ser um ganho o fato de não poderem mais proibir a entrada de negros em alguns salões, visto que democratizaram-se os espaços; outros consideram uma perda, alegando

que aumentaram as brigas em decorrência disso. Ao afirmar que não se podia mais proibir, nenhum dos entrevistados especificou o que foi que mudou, apenas afirmam que chegou um momento em que isso não era mais permitido. Como já se viu aqui, houve momentos em que a polícia intervia no caso de brigas que fossem ocasionadas pela insistência de algum negro que quisesse entrar no baile, seguida da proibição por parte do proprietário. Embora não se possa concluir com exatidão, parece-nos, através da interpretação das narrativas, que a atuação da polícia se dava em alguns momentos, no sentido de resguardar o costume de proibir a entrada de negros nos bailes. Essa afirmativa de que não se podia mais proibir pode ser relacionada como decorrência da Lei nº 7.437, de 1985, na qual, consta em seu artigo primeiro “Constitui contravenção, punida nos termos desta lei, a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil.”<sup>29</sup>.

Aqui, mais uma vez lembramos o que pondera Portelli (2010), quando se refere às representações e aos fatos, afirmando que não existem de forma isolada: representações se utilizam dos fatos e os fatos são organizados e reconhecidos conforme as representações; ambos estão carregados de subjetividade e se expressam através da linguagem. Para o autor, portanto, a memória não se caracteriza como “um núcleo compacto e impenetrável para o pensamento e a linguagem”, mas sim por um processo que é moldado no tempo histórico. Os depoimentos, portanto, podem se modificar com o tempo.

Ao analisarmos os depoimentos que abordam de forma tão clara as exclusões que ocorreram no passado, bem como as negociações entre os casais, entre outros elementos, devemos considerar que talvez em outro momento, essas narrativas não tivessem esse teor. A distância temporal em relação ao que aconteceu no passado proporciona certa liberdade para falar sobre o que supostamente já não existe mais.

---

<sup>29</sup> Extraído de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7437.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7437.htm).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória dessa pesquisa apresentou muitas reviravoltas. Considerando o que já foi dito aqui, partimos de um ponto em que considerávamos que os bailes na colônia aconteciam dentro dos prédios das antigas fábricas, conclusão feita a partir de apenas um referencial: o salão de baile do senhor João Casarin. Em muitos momentos, portanto, tinha-se a impressão de estar se começando “do zero”, à medida que novas descobertas eram feitas pela pesquisadora. Isso não teria acontecido, se o campo não fosse tão estranho a essa pesquisadora quanto o era lá no início dessa jornada.

O “mergulho” no trabalho de campo, nas saídas de campo à colônia, nas conversas com moradores e com pesquisadores, no diálogo com as obras de outros autores, tudo isso revelou um campo muito mais amplo a ser explorado. As primeiras impressões, conforme já foram relatadas, levaram ao entendimento de que os salões tinham uma relação direta com o trabalho fabril. Isso se deu pelo fato de que muitos dos salões que eram indicados para esse estudo, por diferentes interlocutores, se encontravam fechados. A primeira hipótese seria, portanto, a de que o desenvolvimento econômico teria gerado mais salões e a chamada “quebradeira” das fábricas de compotas teria ocasionado o fechamento desses salões. Quando foram realizadas as primeiras entrevistas, essas impressões já estavam no imaginário dessa pesquisadora. No decorrer da pesquisa fomos percebendo que os bailes iam muito além daqueles prédios que estavam fechados, e que foram salões de baile no passado. Os bailes na colônia representavam uma tradição, uma forma de sociabilidade com a qual aquela comunidade se identifica. As músicas, as danças, e as maneiras como as pessoas se relacionam umas com as outras representam as comunidades na forma como essas se expressam.

Essa percepção não teria sido possível se não tivéssemos nos libertado das primeiras concepções que tínhamos, mas principalmente se não tivéssemos considerado a importância que teve para essa pesquisa esses momentos de “ignorância” em relação ao campo de estudo. Isso só foi permitido através dos diálogos realizados em sala de aula, principalmente durante a disciplina “História

Oral”, bem como a participação em eventos com essa temática<sup>30</sup>, que essa pesquisadora compreendeu que a metodologia de pesquisa que envolve história oral é mais complexa e também mais recompensadora, quando percebeu, por exemplo, que nenhuma entrevista é um total fracasso. Errante (2000, p.150) compartilha de seus aprendizados enquanto pesquisadora e com isso ensina:

Se os narradores escolhiam seus momentos de vulnerabilidade através dos quais eles contavam e relembavam, eu também era freqüentemente vulnerável. Em muitas ocasiões eu tive motivo para me lembrar de dois conselhos que eu tinha recebido durante um seminário com dois historiadores orais, Allen Isaacman e Luise White: (1) "Escrevam imediatamente todas as suas impressões sobre seus informantes"; e (2) **"Ser jovem e estúpido pode ser uma boa coisa. Você perguntará o tipo de questões óbvias que você não será capaz de conjecturar quando você se familiarizar com o terreno;** os narradores não irão hesitar em esclarecer a sua estupidez e também, neste processo, **vão revelar a sua compreensão de eventos e experiências importantes sobre os quais você não teria pensado em perguntar"**. [grifo nosso].

Essa compreensão levou ao desprendimento em relação aos supostos “fracassos” durante a pesquisa. Possibilitou um olhar diferenciado, uma observação atenta aos silenciamentos e esquecimentos e maior jogo de cintura no que diz respeito ao ouvir das narrativas. As perguntas já não eram tão elaboradas, a memória tinha mais liberdade para fluir, pelos caminhos que os narradores escolhessem.

As memórias, recuperadas através dos depoimentos orais que compõem o acervo do Museu da Maciel e narradas para essa pesquisa através de entrevistas, apresentavam os bailes como “memória coletiva”, portanto, classificá-las de acordo com a definição de Candau (2011), como uma “metamemória”, pareceu adequado, pois é supostamente partilhada entre os membros da comunidade. Para o antropólogo, cada um de nós faz uma ideia de sua própria memória e tem a capacidade de discorrer sobre ela, destacar suas particularidades, seus interesses, sua profundidade ou suas lacunas... E isso caracteriza a metamemória. Por fazerem parte de uma memória coletiva, e representarem uma identificação, além de fazerem parte de um contexto que já vem sendo patrimonializado, é que consideramos esses bailes como patrimônio cultural da região.

---

<sup>30</sup> Em 2012 a autora participou do XI Encontro Nacional de História Oral, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A memória evocada pelos bailes carrega importantes aspectos da sociedade e da cultura da colônia em décadas progressas. A constituição de gênero e as relações inter-étnicas são exemplos disso. Nas relações de gênero, vimos a divisão do trabalho entre o homem e a mulher, bem como os códigos que envolviam as relações amorosas, entre as quais, muitas resultaram em casamentos. Nas relações inter-étnicas, as limitações no convívio entre as etnias. Nesse caso, o trabalho revelou que as posições com relação à exclusão do negro suscitam opiniões distintas, além da constatação de que a festa se manteve como um lugar de exclusão simbólica, posto que em outros momentos da vida cotidiana, como a missa e o trabalho, havia a regra do convívio sem barreiras.

Vimos, portanto, numa associação entre a relação entre gêneros e a relação entre etnias, que o baile tem o papel de proporcionar encontros de pessoas de diferentes origens (franceses, italianos, alemães, luso-brasileiros,...) que, por resultarem em casamentos, contribuíram para a aproximação e miscigenação destes, de modo que a maioria dos casais da colônia, nas suas origens, possui um pouco de alemão, de italiano, de luso e até de francês. No entanto, o baile, de maneira geral, de certa forma fez parte de uma estratégia cultural que barrou a miscigenação entre o afro-descendente e o descendente de europeu na região.

Em muitas das narrativas, conforme colocamos no texto, ouvimos a afirmativa de que os bailes já não são mais como eram antigamente. Ora, essa simples inferência já nos faz perceber que muitos salões podem ter fechado, mas eles não acabaram de todo, caso contrário não haveria a comparação. Já vimos que houve uma ruptura, mas onde está a continuidade? Os bailes já não são como eram antes... E nem devem sê-lo, já que, como qualquer outra manifestação cultural, são dinâmicos, são mutáveis, acompanham as transformações da sociedade. O patrimônio imaterial é entendido nesse sentido, conforme nos colocam os pesquisadores que formam a equipe do Inventário Nacional de Referências Culturais da produção de doces tradicionais pelotenses:

[...] patrimônio imaterial, fundado sobre a tradição e transmitido, sobretudo, oralmente ou pela reprodução desses saberes e fazeres, é apresentado como intangível e também **como absolutamente dinâmico uma vez que revela uma renovação constante de suas formas de expressão**. [grifo nosso] (Ferreira et. al., 2008, p. 95)

Os bailes, portanto, permanecem nas práticas e no imaginário dessa comunidade. A continuidade, antes questionada, talvez resida no fato de que ainda hoje, existem os ônibus que saem do centro da cidade de Pelotas para levar o público para os bailes “lá fora”<sup>31</sup>. Esses bailes da zona rural, que ainda é chamada de colônia, tanto pelos moradores da região quanto pelos que vivem na zona urbana de Pelotas, podem acontecer ou não nos mesmos espaços; possuir ou não os mesmos estilos musicais, carregar ou não o nome do antigo baile. Temos o exemplo dessa permanência no salão Bachini, em que o proprietário mantém o nome da família que um dia foi proprietária do salão. O salão do Mayer, após tantos anos fora de atividade, hoje dá sinais de uma “reabertura”. Os bailes de hoje ainda carregam signos dos anteriores, nos comportamentos dos frequentadores, nas danças, nas discriminações... Embora a “discoteca”, que é relacionada ao som mecânico, tenha causado uma ruptura, ainda existem as bandas tradicionais que tocam nos bailes da colônia. E, segundo um dos interlocutores que deram informações para esse trabalho, esses espaços onde tocam as “bandinhas” são mais frequentados pelos mais velhos, que gostam do estilo mais “tradicional”.

A permanência de uma “tradição” nos bailes se reflete nos bailes promovidos pelas comunidades religiosas. Isso pôde ser percebido em saídas de campo. Os cafés, embora com alguma variedade diferente daqueles que eram servidos nos bailes, estão presentes. As mulheres, trabalhando na cozinha, servindo sem parar. Os homens, trabalhando na copa, onde são servidas as bebidas. A presença da banda, que toca músicas de épocas variadas. E a família, que se reúne para se divertir no baile, que começa no final da tarde (Figura 57).

Nessas festas realizadas pelas comunidade religiosas atualmente, na parte diurna, as famílias se reúnem para comer, confraternizando, e ouvindo as músicas das bandas, que tocam no salão ao lado. Nesse momento há grande presença dos mais velhos e das crianças. Na medida em que a tarde finda e a noite avança, a festa cede lugar ao baile, o público predominante passa a ser o mais jovem, e a banda cede lugar a discoteca. portanto, a própria história da festa fica sintetizada, num encontro entre o tradicional e o moderno.

---

<sup>31</sup> “Lá fora” é uma expressão utilizada na cidade para se referir à zona rural.



**Figura 58 - Café e baile, comemoração do dia da padroeira Sant'Anna, na Colônia Maciel. Festa realizada no salão da paróquia. - Fonte: Foto da autora, 2011.**

No imaginário, o baile se expressa como lembrança forte, do que este representou, para as pessoas que concederam entrevista ou para as que simplesmente nos deram indicações. Muitas dessas pessoas falaram com um sorriso no rosto: “Tu vais te divertir muito com essa pesquisa, tem tanta história...”.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural: as fábricas de compotas de pêssego em pelotas – 1950 à 1970**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BETEMPS, Leandro Ramos. **A Colônia Francesa de Pelotas e seus Acervos Culturais: Memória, História e Etnia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiróz e Edusp, 1987.

CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. In: **Revista de Ciências Humanas, Florianópolis**, EDUFSC, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, Abril e Outubro de 2007.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, dez. 2009/mar 2010.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARUSO, Cíntia de O. **A agroindústria familiar no extremo sul gaúcho: limites e possibilidades de uma estratégia de reprodução social**. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CERQUEIRA, Fabio Vergara; PEIXOTO, Luciana da S.; GEHRKE, Cristiano. Museo Etnográfico de la Colonia Maciel: memoria ítalo-descendiente y diversidad cultural. In: BRESCIANO, J.A. (org.) **La memoria histórica y sus configuraciones temáticas. Una aproximación interdisciplinaria**. Montevideo: Universidad de la República Oriental del Uruguay, 2011.

CERQUEIRA, Fabio Vergara. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. In: MICHELON, Francisca Ferreira; FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi (orgs.). **Anais do IV Seminário Internacional de Memória e Patrimônio: Memória, Patrimônio e Tradição**. Pelotas, Ed: UFPel, 2010.

CUNHA, Maria C. Pereira (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Editora Unicamp/CECULT, 2002.

ERRANTE, Antoinette. Mas Afinal, A Memória é de Quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. In: **História da Educação**. ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas, setembro, 2000.

FRANÇOIS, Etienne. As novas relações entre memória e História após a queda do Muro de Berlim. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.2, abr.-jul. 2010.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Batalhas no campo da memória e dos museus: disputas sobre o sentido do passado, lutas pelo reconhecimento. n: CHAGAS, Maria S.; BEZERRA, R. Z.; BENCHETRIT, S. F. **A democratização da memória: função social dos museus Ibero-Americanos**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória**. In.: Revista Museologia e Patrimônio – vol. II, nº 1 (jan/jun 2009). Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus> (acesso em julho de 2011).

FETTER, Leila Maria Wulff. **A colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX**. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

GONÇALVES José Reginaldo. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e patrimônio**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005)

GRANDO, Marinês Zandavalli. **Pequena Agricultura em Crise: O Caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação de Economia Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1990.

GHIGGI, Micheli. **Lazer e sociabilidade na área rural de Nova Pádua: Um estudo Etnográfico**. 2008. Monografia (Escola de Educação Física), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1950

\_\_\_\_\_. **Les Cadres Sociaux de la memoire**. Paris: Alcan, 1925.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARTOG, François. **Tempo e Patrimônio**. In: VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **En busca del tiempo futuro**. Medios, política y memoria, Revista Puentes. Argentina. Traducción: Silvia Fehrmann. año 1, N° 2, diciembre 2000

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MARTINS, Rodrigo Constante. Apresentação. In: **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política. Dossiê Ruralidade Memória e Migrações**, vol. 1, nº49 jul/dez 2006.

MULLER, Dalila. **Feliz a população que tantas diversões e comodidade goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870)**. 2010. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

MULLER, Dalila et. al.. Memória dos lazeres no meio rural de Pelotas/RS. In: WATANABE, Cynthia **Anais do 5º Congresso Latino-Americano de Investigação Turística**. São Paulo : EACH/USP, 2012.

NARDI, Oni, MIORIN, Vera Maria F. Valorização territorial da ruralidade da quarta colônia de imigração italiana do RS. In: **Anais do II Encontro de Grupos de Pesquisa: "Agricultura, desenvolvimento regional e transformações socioespaciais"**. Universidade Federal de Uberlândia, junho de 2006.

PANIS, Marcelo. A paisagem colonial como objeto do turismo: O caso das colônias de imigrantes italianos em Pelotas/RS. In: **1º SIMPGEO/SP**, Rio Claro, 2008.

PANIS, Marcelo. **Turismo, patrimônio cultural e desenvolvimento local – O Distrito de Rincão da Cruz no Município de Pelotas/RS**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia, Análise Ambiental e Dinâmica). Universidade Estadual de Campinas: São Paulo, 2009.

PANIS, Marcelo e OLIVEIRA, Melissa. Paisagem e arquitetura rural: O caso da região Pelotense/RS. **Labor & Engenho: planejamento, patrimônio e paisagem**, Campinas, v. 1, n.2, p.2-16, dez. 2008. Disponível em: [www.labore.fec.unicamp.br](http://www.labore.fec.unicamp.br)

PASSOS, Angela Zambelli dos., VARGAS, Pedro Orsi. Nos bailes da vida: bandas, conjuntos e bandinhas no panorama musical da cidade de Taquara-RS entre 1940 e 1960. In: **Anais eletrônicos do IV Seminário de História Regional**. Universidade de Passo Fundo, 2010.

PEIXOTO, Luciana S. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas**. 2003. Monografia: (Curso de Licenciatura em História) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1985.



PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FUnção Getúlio Vargas, 1996.

SANTOS, José Antonio Lobo dos. O conceito de espaço rural e as políticas de governo no Brasil. In: **Revista Discente Expressões Geográficas**, nº 07, ano VII, p. 95 - 110. Florianópolis, junho de 2011.

SCHWARTZ, Losane H.; SALAMONI, Giancarla. Organização e reprodução social da agricultura familiar entre descendentes de imigrantes pomeranos no município de São Lourenço do Sul, RS. In: **Anais do XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, São Paulo, 2009 (Disponível em: [http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Schwartz\\_LH.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Schwartz_LH.pdf)).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec; 1986.

SANTOS, Roberta M. A. & Gonçalves, Margarete R. F. **Fábricas de doces coloniais de Pelotas (RS): entender o espaço para preservar seu patrimônio**. In.: Cadernos do CEOM – Ano 22, n. 31, p. 103-119, 2010.

SILVA, Karen Melo da. **Patrimônio cultural, ruralidade e identidade territorial: diversidade na Colônia de Pelotas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

THIES, Vania Grim. **A escrita no cotidiano da zona rural: os diários de dois agricultores**. In: Revista Roteiro, Joaçaba, v. 33, n. 1, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/321/70> (Acesso em outubro de 2012).

VIEIRA, Margareth Acosta. **Uma rua chamada Gruppelli : memórias reveladas pela fotografia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

VIEIRA, Margareth Acosta, BETEMPS, Leandro. Turismo pela história da colonização do Rio Grande do Sul: o caso da colônia francesa e municipal de Pelotas/RS. In: **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 02, nº 02, 2º semestre de 2008.

VOGT, Débora Inês. Folia no meio rural: apontamentos sobre a memória da festa carnavalesca no meio rural de Santa Cruz do Sul na primeira metade do século XX.. In: **Anais do IV Encontro Regional Sul de História Oral - Culturas, memórias e identidades**, 2007, Florianópolis/SC.

WEIDUSCHADT, Patrícia. O lazer e a construção da identidade numa comunidade rural de descendentes germânicos em Pelotas. In: **Cadernos do Lepaarq**, vol. 6, nº 11/12, 2009.